



RAIZA KAMILA MARQUES OLIVEIRA

**CONTEXTO DOMÉSTICO E AS HABILIDADES SOCIAIS DE
HOMENS AGRESSORES**

**Sinop/MT
2020**

RAIZA KAMILA MARQUES OLIVEIRA

**CONTEXTO DOMÉSTICO E AS HABILIDADES SOCIAIS DE
HOMENS AGRESSORES**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca avaliadora do departamento de Psicologia - UNIFASIPE, Campus de Sinop-MT, como requisito total para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof.^a Esp. Luiza Alvarenga Marques de Medeiros.

**Sinop/MT
2020**

RAIZA KAMILA MARQUES OLIVEIRA

**CONTEXTO DOMÉSTICO E AS HABILIDADES SOCIAIS DE
HOMENS AGRESSORES**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca avaliadora do curso de Psicologia - UNIFASIPE, Campus de Sinop-MT, como requisito para aprovação na disciplina de Monografia II do décimo semestre de Psicologia.

Aprovado em XXXXXX.

Esp. Luiza Alvarenga Marques de Medeiros
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

XXXXXXXXXX
Professor (a) Avaliador (a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

XXXXXXXXXX
Professor (a) Avaliador (a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Ana Paula Pereira Cezar
Coordenadora do Curso de Psicologia
UNIFASIPE - Faculdade de Sinop

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e a minha família,
que sempre se manteve a postos frente às
dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder esperança na vida e nos sonhos.

Agradeço a minha família, amigos e ao meu namorado, pelo apoio em todos os momentos.

Agradeço a minha orientadora Luiza A. M. de Medeiros, pela paciência e compreensão, como também por partilhar um pouco de seus conhecimentos e me orientar da melhor maneira.

Agradeço a professora Stela M. S. Hoffmann, pelas orientações e sugestões a mim deferidas, como também pela compreensão em momentos difíceis.

“A perseverança é mais eficaz do que a violência, e muitas coisas que, quando reunidas, são invencíveis, cedem a quem as enfrenta um pouco de cada vez”.

(Plutarco)

RESUMO

Esta pesquisa buscou demonstrar o perfil de homem agressor no contexto de violência doméstica, de modo a proporcionar entendimento a respeito da problemática, visando conceder conhecimentos capazes de diminuir o problema social da violência, por meio de validação de recursos eficazes na reeducação comportamental e melhoria das relações interpessoais, através do desenvolvimento de habilidades sociais. A presente pesquisa objetivou conhecer as principais habilidades sociais potencializadas e fragilizadas em homens agressores no contexto doméstico. Para tanto, a referida pesquisa contou com um arranjo que se estabeleceu de maneira a propor, através de pesquisas relacionadas ao tema, analisar e comparar publicações, possibilitando-se ter uma nova visão acerca da situação problema, evidenciando os resultados obtidos quantitativamente, a respeito dos métodos e técnicas de atuação eficazes em assuntos referentes à prática de violência e habilidades sociais. Os resultados alcançados partiram de sete bancos de dados, seis decorrentes da BVS e o sétimo, denominado Google Acadêmico. Também foram utilizadas sete palavras-chave, sendo elas: habilidades sociais, violência, agressividade masculina; origem violência doméstica, violência masculina assertividade, déficit habilidades sociais, e assertividade comportamental. Foram acessadas 994 pesquisas, destas apenas 10 foram incluídas para discussão deste estudo, e 984 foram descartadas. Em razão dos resultados alcançados, foi comprovado que as habilidades sociais deficitárias em homens agressores no contexto doméstico foram de fato, assertividade e comunicação. Sendo assim, dentre os resultados apontados nesta pesquisa confirmou-se a origem da violência doméstica, como fruto de experiências violentas vividas na infância, bem como a contribuição da falta de comunicação e autocontrole por parte do agressor, como fatores de risco nesta prática.

Palavra-chave: Agressor. Habilidades Sociais. Violência Doméstica.

ABSTRACT

This research sought to demonstrate the profile of male aggressors in the context of domestic violence, in order to provide understanding about the problem, aiming to provide knowledge capable of reducing the social problem of violence, through validation of effective resources in behavioral re-education and improvement of behaviors. interpersonal relationships, through the development of social skills. The present research aimed to know the main potentialized and weakened social skills in male aggressors in the domestic context. For that, the referred research had an arrangement that was established in order to propose, through researches related to the theme, to analyze and compare publications, making it possible to have a new view about the problem situation, showing the results obtained quantitatively, regarding of effective methods and techniques of action in matters relating to the practice of violence and social skills. The results achieved came from seven databases, six from the VHL and the seventh, called Google Scholar. Seven keywords were also used, namely: social skills, violence, male aggression; domestic violence, male violence, assertiveness, deficit social skills, and behavioral assertiveness. 994 surveys were accessed, of which only 10 were included for discussion of this study, and 984 were discarded. Due to the results achieved, it was proven that the deficient social skills in male aggressors in the domestic context were, in fact, assertiveness and communication. Thus, among the results pointed out in this research, the origin of domestic violence was confirmed, as a result of violent experiences lived in childhood, as well as the contribution of the aggressor's lack of communication and self-control, as risk factors in this practice.

Keywords: Aggressor. Social skills. Domestic violence.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	46
Tabela 2:	47
Tabela 3:	47
Tabela 4:	48
Tabela 5:	48
Tabela 6:	49
Tabela 7:	49
Tabela 8:	50
Tabela 9:	50
Tabela 10:	51
Tabela 11:	51
Tabela 12:	52
Tabela 13:	52
Tabela 14:	52
Tabela 15:	53
Tabela 16:	53
Tabela 17:	54
Tabela 18:	54
Tabela 19:	55
Tabela 20:	55
Tabela 21:	56
Tabela 22:	56
Tabela 23:	57
Tabela 24:	57
Tabela 25:	58
Tabela 26:	58
Tabela 27:	59
Tabela 28:	59
Tabela 29:	60
Tabela 30:	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAI - Inventário de Ansiedade de Beck.

BVS – Portal Regional da Saúde.

CTS – Escala Tática de Conflitos.

DDM – Delegacia de Defesa da Mulher.

FBQ – Family Background Questionnaire.

HAV – Homens Autores de Violência.

IEP – Inventário de Estudos Parentais.

IPA – Agressão por Parceiro Íntimo.

ONU – Organização das Nações Unidas.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

TAT – Teste de Apercepção Temática.

TCC – Terapia Cognitivo Comportamental.

THS – Treinamento de Habilidades Sociais.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01:	61
Quadro 02:	62
Quadro 03:	64
Quadro 04:	66
Quadro 05:	67
Quadro 06:	70
Quadro 07:	72
Quadro 08:	74
Quadro 09:	76
Quadro 10:	78

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	13
1.1 Problematização.....	14
1.2 Hipótese	14
1.3 Justificativa	14
1.4 OBJETIVOS	15
1.4.1 Geral.....	15
1.4.2 Específicos	15
1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
1.5.1 Tipos de pesquisa.....	16
1.5.2 População e amostra	17
1.5.3 Coleta de dados.....	17
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Psicologia Comportamental	19
2.1.1 Teorias da aprendizagem	21
2.2 Habilidades Sociais	27
2.2.1 Classes de habilidades sociais.....	30
2.2.2 Empatia	31
2.2.3 Autocontrole e inteligência emocional	33
2.2.4 Autoconhecimento	35
2.3 Violência.....	36
2.3.1 Tipos de violência	40
2.3.2 A influência familiar em histórico de agressão.....	42
3.0 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	44
3.1 Resultados com critérios de exclusão	44
3.2 Resultados com critério de inclusão	61
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	83

1.0 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca descrever o contexto da violência e seus reflexos em homens de perfil agressivo, bem como propor entendimento acerca das habilidades sociais, e também possíveis contribuições para a problemática em questão. O perfil comportamental do homem violento consiste em uma série de comportamentos agressivos, a violência tende a se vincular as atividades cotidianas do mesmo, tais como pode-se observar na violência doméstica, destarte descrita em tal pesquisa.

Segundo Silva (2007, p.26), a violência aplica-se como um problema de ordem social na atualidade, sendo um grande desafio a se confrontar, pois a violência se opõe aos Direitos Humanos, que tenciona primordialmente a garantia à dignidade humana de maneira a considerar princípios “voltados para a não-agressão e não degradação do homem”. Deste modo é verossímil a complexidade das ações violentas, a contrapartida dos preceitos da declaração universal dos direitos humanos. Dados da OMS (2010), podem confirmar que o exercício da violência apresenta-se comumente em relacionamentos afetivos, o que deve ser entendido como outro fator alarmante, referente a facilitação da prática de atos violentos pelo agressor.

Ao levar em consideração informações da ONU (2020), a violência de gênero aumentou consideravelmente em consequência da Pandemia, pela qual o mundo encontra-se a acurar, o público feminino é tido como um dos mais prejudicados em relação à situação atual, visto que são maioria dentre trabalhadores informais, bem como pelo risco de contágio, e ao aumento da violência em decorrência do isolamento social. Como aponta Silva (2007), com o passar do tempo se torna ainda mais necessária à compreensão dos fatores e contextos, que propiciam os processos violentos, e deste modo desenvolver um método eficaz na melhoria em relação ao confronto da violência, e o déficit de habilidades sociais dos agressores.

De acordo com Caballo (2007, apud CABALLO, 1986), o comportamento hábil socialmente deve-se formar por um conjunto comportamental, onde o expressar de sentimentos, desejos, opiniões, atitudes e direitos do indivíduo, seja feito de maneira adequada e correspondente a situação, a fim de respeitar comportamentos de outrem, e a proporcionar resolução de problemas imediatos, amenizando a probabilidade de problemas futuros. Prette (2003, p.173), assinala que a competência social, “refere-se ao efetivo uso do repertório de habilidades sociais, que geram resultados positivos nas interações com outras

peessoas”. Ao entender competência e habilidade social acerca de tal pesquisa, é possível trazer um panorama a respeito de um conjunto de características e habilidades, que devem contribuir na formação completa de um ser hábil socialmente no estabelecimento de seus relacionamentos, de maneira a exonerar comportamentos violentos, bem como respostas agressivas. Deve-se entender como pertencente ao conjunto das habilidades sociais o controle emocional, a empatia, autoconhecimento, inteligência social e assertividade.

1.1 Problematização

As diferentes formas de violência doméstica podem ocasionar inúmeras consequências negativas tanto para a vítima, quanto para o agressor. A vítima de violência tende a passar por períodos de insegurança e medo, podendo também a violência ocasionar transtornos psicológicos para a mesma, enquanto que a família também pode passar por situações parecidas em resultado da preocupação com a familiar agredida, os filhos tendem a vivenciar experiências passíveis a prejudicar um desenvolvimento interpessoal saudável, podendo gerar como consequência neste, características agressivas, ou um padrão de sofrimento e agressividade cíclica a perpassar de geração em geração.

A violência doméstica, além de resultar em consequências para os envolvidos, é capaz de influenciar diretamente na sociedade e saúde mundial, de modo que o ato violento pode provocar na vítima graves ferimentos intencionais, o que deve consequentemente resultar na ocupação de vagas de hospitalares, que senão fosse resultado da violência poderia ser ocupadas por algum indivíduo em uma situação aleatória do destino, como no caso de doenças, a considerar como um fator não opcional.

Homens de perfil violento tendem a executar violência em decorrência da incapacidade de se comunicar para resolução de problemas, de maneira a optar pela resposta comportamental agressiva, o que à vista disto deve levar a dificuldades em relação a comportamentos assertivos, controle emocional, e empatia, a agir impulsivamente de maneira a exonerar autocontrole. Assim, o presente estudo apresenta como problemática a seguinte questão: Quais as habilidades sociais deficitárias em homens agressores?

1.2 Hipótese

As habilidades sociais deficitárias em homens agressores são assertividade e comunicação.

1.3 Justificativa

Ao estudar o perfil comportamental do homem agressor o objetivo deve ser de demonstrar o cerne da questão, de modo que seja possível entender como o desenvolvimento de habilidades sociais e reeducação podem trazer benefícios e mudanças neste âmbito social. Tal pesquisa, pretende que seja possível clarificar a importância de assistência psicológica para estes homens agressores, a fim de restringir a violência, além de servir como suporte para a melhoria na qualidade de vida dos envolvidos.

Por conseguinte, faz-se necessário voltar à atenção para uma reeducação social, que vise ressocializar homens agressores, com o intuito de amenizar situações violentas, de forma que homens e mulheres convivam em harmonia, a criar neste agressor, consciência a respeito de seus atos, e desta maneira trazer resultados positivos para a população, pois além da diminuição dos dados de violências, se pode lograr de menor possibilidade de retorno ao presídio, diminuindo a aplicação de subsídios para manter estes detentos, como também o desfrute de menor necessidade de recursos médicos as vítimas, uma vez que este número tende diminuir, e melhoria da segurança pública.

É de interesse mostrar segundo a pesquisa, não somente as implicações a respeito da violência, mas também o que a resultou, de modo à analisar uma maneira válida para solucionar ou minimizar situações violentas, enfatizando uma reeducação social e desenvolvimento de habilidades sociais. Deve-se listar tal pesquisa, como conteúdo somatório em relação à psicologia, visto que a atuação psicológica deve se desenvolver na área da saúde, e ao considerar a violência como problema nocivo a aspectos de vitalidade, ao esgalhar conteúdos acerca do tema em questão, é possível obter acesso a meios de atuação e técnicas válidas na resolução do problema em pauta.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Geral

Conhecer as principais habilidades sociais potencializadas e fragilizadas em homens agressores no contexto doméstico.

1.4.2 Específicos

- Entender as características da agressão masculina contra a mulher no contexto doméstico;
- Conceituar Habilidades Sociais;

- Identificar as principais habilidades sociais deficitárias em homens agressores;
- Conhecer e descrever programas de treinamento de habilidades sociais para desenvolver homens agressores.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pretendeu relacionar conteúdos de diversas publicações em contexto Latino-americano a respeito da violência e as habilidades sociais, com objetivo de atender a demanda em relação à contribuição para resolução eficaz de questões de violências domésticas.

1.5.1 Tipos de pesquisa

Como consente Ribeiro e Silva (2004), a pesquisa básica tem como objetivo proporcionar avanço da ciência, a partir da descoberta de novas noções e ideias sobre um assunto específico, sem aplicar de maneira prática o processo investigativo a envolver verdadeiros interesses universais. Tal pesquisa pode se considerar de natureza básica, pois buscou demonstrar dados referentes à violência doméstica e habilidades sociais, de modo a proporcionar entendimento acerca dos mesmos.

Gil (2002) pode explicar a pesquisa descritiva como uma maneira de aclarar um conteúdo de modo a descrever o assunto discorrido, a identificar especificidades de um determinado grupo, assunto ou relação entre variáveis, o autor ainda atesta que algumas pesquisas descritivas também podem contribuir na formulação de uma nova visão a respeito da situação problema. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo se apresentar de maneira descritiva, de modo a esmiuçar e descrever informações com relação ao tema discorrido.

Os procedimentos técnicos utilizados neste estudo puderam contar com embasamentos teóricos apoiados em livros, bibliografias, artigos, e o que chama Gil (2002) de publicações periódicas, tais como: jornais e revistas. Portanto, a restringir esta pesquisa a métodos da revisão bibliográfica. Ribeiro e Silva (2004) podem assegurar que a pesquisa bibliográfica deve se classificar como aquela cujo desenvolvimento deve-se ao embasamento advindo de conteúdos já publicados, como é o caso de livros, artigos e conteúdos disponíveis na internet.

Ribeiro e Silva (2004), apontam a pesquisa quantitativa como método do qual as informações devem ser quantificadas para análise e classificação, de modo a utilizar técnicas estatísticas. No desenvolver desta pesquisa se optou por dar ênfase à abordagem quantitativa, de modo que o aplicar do material base se realizou a partir da quantificação de conteúdos

correlativos, a fim de comprovar validação de métodos eficazes na resolução da problemática em questão.

1.5.2 População e amostra

O desenvolvimento da pesquisa pode contar como amostra para investigação em relação ao tema no processo de meta análise, pelo qual partiu da busca relativa a bancos de dados em rede eletrônica equivalente a América Latina, como também similares a contar com informações provenientes da biblioteca virtual da saúde. Desta forma, a pesquisa se desenvolveu a partir do estudo técnico de publicações já divulgadas.

Na produção da pesquisa foram utilizadas sete palavras-chaves, das quais se incluem: habilidades sociais, violência, agressividade masculina, origem violência doméstica, violência masculina assertividade, déficit habilidades sociais e assertividade comportamental; a contar como parâmetros de exclusão são destacados relacionamentos homo afetivos, a violência praticada por alguém que não seja do sexo masculino, violência de trânsito ou qualquer outra fora dos padrões domésticos. Em relação a parâmetros de inclusão, somaram-se quaisquer conteúdos correspondentes a habilidades sociais e suas classes, violência doméstica, homens agressores e déficit em habilidades sociais.

1.5.3 Coleta de dados

Para aplicação da pesquisa, a pesquisadora considerou a análise minuciosa de conteúdos eletrônicos advindos de bancos de dados, pertencente ao continente latino-americano, de modo a descrever e analisar sobre os conteúdos acessados, quanto à quantidade da validação de recursos eficazes, tratamento e técnicas na resolução ou aprimoramento do comportamento violento no contexto doméstico, a partir da correlação com as habilidades sociais.

Esta pesquisa tem o objetivo de obter dados que ajudem no entendimento a respeito de quais as habilidades sociais pertencentes ao repertório de homens agressores, como também quais as técnicas e ferramentas utilizadas para obter resultados acerca do reestabelecimento social e capacitação interpessoal destes indivíduos, para isto, o procedimento resultou de meta análise, dando início ao segundo semestre de 2020, e foi realizado particularmente pela pesquisadora em suporte a sua orientadora, resumindo-se em comparações entre manuscritos, identificação de semelhanças e validações em relação ao problema apresentado.

A coleta de dados contou com a busca em sete bancos de dados, dos quais seis são decorrentes da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), sendo eles: Medline, Lilacs, Ibecs, Index

Psicologia, Paho Iris, BDENF. O sétimo banco de dados é o Google acadêmico, cujo foi pesquisado até a quinta aba. Foram alcançadas 994 pesquisas, destas 984 foram excluídas por se tratarem de outras manifestações de violência, ou por partirem de pessoas não pertencentes ao sexo masculino, e apenas 10 incluídas por pertencerem à violência doméstica praticada por homens contra mulheres.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo foram disponibilizadas as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa, situadas nos temas: psicologia comportamental, violência, habilidades sociais, influência familiar em histórico de agressão.

2.1 Psicologia Comportamental

Para ser possível desenvolver conteúdos acerca da psicologia cognitivo comportamental se faz necessário reportar a respeito da psicologia em sua globalidade, que de acordo com Scarparo e Guareschi (2007), foi regulamentada em 1962 no Brasil, e por sua vez possui suas interfaces, nas quais ela pode ser utilizada a partir do contexto do senso comum, onde as conclusões e percepções de uma determinada situação na holística da psicologia podem ser interpretadas pelo “achismo”, ou por uma visão de mundo e uma teoria simplificada de algo. Entretanto, também existe o viés da psicologia enquanto ciência, da qual tal pesquisa faz referência. A ciência nada mais é do que um conhecimento preciso e rigoroso acerca de um objeto de estudo, no qual pode ser repetido, programado e controlado ao passo que possa se validar. A psicologia científica deve trazer estudos referentes ao homem e seus processos mentais, emocionais e comportamentais, e o processo de subjetividade humana. (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 2001).

Costa e Brandão (2005), explicam que a psicologia possui diversas áreas de atuação, dentre elas se destaca a psicologia social e comunitária ou clínica ampliada, como área sensibilizada no desenrolar deste trabalho, uma vez que o objetivo desta pesquisa venha a ser o entendimento acerca da contribuição das habilidades sociais na resolução de um problema social de grande ordem. Bock et al (2015.p.55), aponta a psicologia social comunitária com um trabalho, onde “convivemos com questionamentos éticos sempre permeados pela busca de transformação das condições adversas, tanto objetivas quanto subjetivas, vivenciadas pela população atendida/investigada.” Deste modo, encontra-se entre as atividades comunitárias o transformar de pessoas e situações visando melhoria, a fim de proporcionar qualidade de vida populacional. De acordo com Monteiro (2012.p.20), a clínica ampliada pode se definir como um trabalho que:

Traz ao psicólogo a possibilidade de diversificar seu trabalho clínico, ampliando seu foco de intervenção, passando do indivíduo para a comunidade, saindo do seu consultório para introduzir-se em diversas instituições e comunidades, atendendo pessoas de várias classes sociais, criando e adaptando suas estratégias de

intervenção. O psicólogo atuante nessa área intervém para além da psicoterapia individual, utilizando-se da terapia comunitária e de campanhas socioeducativas.

Oliveira (2008) classifica a psicologia como o estudo da mente humana, a efetuar pela análise comportamental, como também acerca das atitudes, aprendizados e pensamentos do ser humano, ou seja, de suas cognições e ações. Dentro da psicologia existem diversas abordagens, todavia deve se evidenciar a terapia cognitivo comportamental, nesta pesquisa aplicada de forma indispensável, Kienem et al (2018,p.9), aponta as contribuições da análise experimental do comportamento no Brasil, a partir da década de 60, após 10 anos é que pode surgir a Associação de Modificação do Comportamento, em São Paulo, e posteriormente veio a se tornar Associação Brasileira de Análise do Comportamento, levando a abranger ao público brasileiro e não apenas à paulistas.

Wilson e Branch (2012.p.11), sugerem que o “conceito central na TCC é que você sente o que você pensa. Então, a TCC trabalha de acordo com o princípio de que você pode viver mais feliz e produtivamente se pensar de forma saudável”. Os autores ao definir a terapia cognitivo comportamental evidenciam esta abordagem como uma pratica além dos pressupostos básicos, a sobrepor os pensamentos e comportamentos como primordiais para desenvolver a mudança, mas como uma prática a analisar tais pontos aplicados a um contexto, de modo a entender a influência do meio e das relações sobre o indivíduo. A considerar as contribuições de Wilson e Branch (2012), deve se entender a terapia cognitiva comportamental como abordagem que porta a possibilidade de concluir, que tudo que se sente deve ser antes pensado, e isto pode ser influenciado pelo contexto em que o indivíduo encontra-se inserido, porém como pode afirmar o autor, deve-se ressaltar a existência da possibilidade de mudar o modo de pensar na modificação da maneira de sentir e se comportar, uma vez que não seja possível modificar o ambiente e os que nele podem estar. Tendo isto, pode se entender que a mudança cognitiva e comportamental logra como resposta a diversos dilemas.

De acordo com Rangé (2008), a terapia cognitiva surgiu no princípio dos anos sessenta, a partir do psiquiatra Aron t. Beck, devido a um padrão repetitivo de pensamentos disfuncionais em pacientes depressivos, a partir da análise de tais pensamentos pode-se entender enfaticamente alterações disfuncionais nos pensamentos acerca de si, do mundo e do futuro. Beck baseou seus estudos acerca de padrões de pensamentos alterados em relação à realidade e com a melhora dos pacientes em resultado ao desenvolvimento destes pensamentos surgiu então inicialmente à terapia cognitiva. Na terapia cognitivo

comportamental deve se abranger estudos a incluir duas abordagens diferentes, tais são abordagem comportamental e abordagem cognitiva

A TCC se baseia em um modelo cognitivo, onde uma determinada situação gera no indivíduo pensamentos automáticos e conseqüentemente reações, que pode ser emocionais, comportamentais ou fisiológicas. A existência de pensamentos disfuncionais, fora da realidade ou contexto, tende a ocasionar no portador, comportamentos também disfuncionais, deste modo a TCC irá auxiliar este indivíduo a identificar, avaliar e responder de maneira produtiva e saudável. Na Terapia Cognitivo Comportamental podem ser utilizadas diversas técnicas de abordagens distintas e diferente de outras abordagens, na TCC não é necessário tratamento por toda a vida, mas se estende de modo a contribuir para progresso e autonomia do indivíduo disfuncional, para que seja possível aprender a lidar individualmente com seus pensamentos e sentimentos, de forma a se apresentar limitadamente. De acordo com Tavares (2005, p.07), a psicologia comportamental tem como:

O pressuposto central da Teoria Comportamental é o de que um comportamento disfuncional foi aprendido e que pode ser desencadeado por sinais internos e externos associados a ele. A Terapia Comportamental auxilia o indivíduo a modificar a relação entre a situação que está criando dificuldade e a habitual reação emocional e comportamental que ele tem naquela circunstância, mediante a aprendizagem de uma nova modalidade de reação. A nova aprendizagem é conseguida através de técnicas apropriadas a cada caso.

A considerar os conteúdos da citação acima, é possível entender a importância da aprendizagem no contexto da terapia cognitivo comportamental, onde aprender é o limiar de respostas, de feito que tanto o pensamento disfuncional, quanto a reversão deste, surge potencialmente através de um processo de aprendizagem.

2.1.1 Teorias da aprendizagem

Das teorias da aprendizagem utilizadas na TCC podem se destacar os estudos de Bandura, Beck, Pavlov, Watson, Skinner. Da perspectiva comportamental se deve a contribuição dos autores: Pavlov e Skinner. Segundo Rangé (2008), Skinner em sua contribuição à teoria comportamental foi capaz de expor os frutos de sua pesquisa obtida através de experiências realizadas em ratos, onde houve a possibilidade de atestar a teoria de que o comportamento deve surgir como uma reação fisiológica em consequência a um estímulo exterior, contudo se resultou na origem à Análise Experimental do Comportamento, através do condicionamento operante, de modo a afirmar que o comportamento deve-se moldar em resposta a consequências. Para Skinner, os sentimentos devem ser expressados através do comportamento, a expor os conteúdos internos a partir de manifestações

comportamentais e atitudes físicas, e deste modo é possível entender como o behaviorismo tende a demonstrar a preocupação com os sentimentos do indivíduo, de maneira a focar nas questões comportamentais, porém de modo a entender que os tais devem fazer parte de manifestações internas de sentimentos. (GUILHARD, 2004).

Como pode explicar o autor o comportamento seguido de uma determinada resposta reforçadora deve consequentemente produzir uma espécie de estímulo em relação ao comportamento, o que tende a gerar continuidade do mesmo e aumentar sua força, em contrapartida, quando o comportamento passa a deixar de ser acompanhado pela resposta reforçadora, ele pende a perder de força a diminuir progressivamente até que não possa mais se reproduzir, o autor também explica que a resposta de fuga se define por algo responsável por eliminar, adiar ou atenuar efeitos a cerca de um estímulo aversivo.

Como explicita Rangé (2008) Pavlov, Watson e Rayner em seus estudos a respeito de condicionamento, foram capazes de reproduzir padrões de comportamentos em cães, nos quais eles atestam a existência de um processo de aprendizagem, onde uma resposta reflexa pode surgir tanto de um estímulo incondicionado, quanto de um estímulo neutro, uma vez que ambos passaram a ser associados previamente, a partir da experiência se deu o surgimento da teoria dos reflexos condicionados. Posteriormente, a utilizar os preceitos do condicionamento clássico, surge em decorrência deste uma resposta emocional condicionada, pela qual se obteve em um estudo com uma criança de onze meses, a utilizar da associação de uma resposta incondicionada e um estímulo incondicionado, a um estímulo pelo qual houve pretensão em desenvolver, e a partir disto transcorreu à resposta emocional condicionada, como também passou a existir fenômenos como: discriminação e generalização, acerca de fatores com características associadas à resposta condicionada. Deste modo, entende-se a influência nos processos de aprendizagem em relação a condicionamentos cognitivos comportamentais.

Watson ao criar os constructos a respeito do behaviorismo ainda não poderia imaginar como seus estudos poderiam contribuir para a Psicologia e para a abordagem cognitiva comportamental. Para o autor a terapia comportamental é vista como um conjunto de aplicações de procedimentos técnicos específicos, que tende objetivar com o desenvolver de tais aplicações à modificação ou exclusão de comportamentos queixosos que possam vir causar algum dano ao indivíduo, ou prejudicar de alguma maneira, a incluir pessoas pertencentes ao ciclo social do mesmo. Entretanto, se faz necessário o entendimento acerca de tal abordagem de modo a não reduzir a prática exclusivamente em direção à queixa

apresentada pelo paciente, mas buscar entender a amplitude situacional do indivíduo, a analisar a abrangência da queixa relatada a fim de garantir a melhoria. (GUILLARD, 2004).

Em conseqüente, ao observar como referência a terapia comportamental em contexto de agressão como no caso exemplo, de um indivíduo apresentar queixa de instabilidade em relacionamentos pessoais, a levar em consideração o contexto e não direcionar o foco apenas em direção à queixa, o terapeuta há de pesquisar o contexto do indivíduo e sua relação afetiva, e eventualmente caso se deparar com manifestações sutis de agressividade, é possível trabalhar amplamente as dificuldades do indivíduo de maneira a obter resultados satisfatórios e duradouros, o que não deveria acontecer a se trabalhar apenas na superfície da queixa.

A estudar a respeito de comportamento deve-se diferenciar as ações do organismo e comportamentos, pois como Guilhard (2004, p.23) pode afirmar, o comportamento é entendido como uma interação entre indivíduo e ambiente, “fala-se de comportamento como a interação recíproca entre o organismo e o ambiente e, como tal, ele é um conceito interacional inferido e não observado diretamente”. Deste modo é possível entender a necessidade do contexto social ao estudar o processo comportamental, de modo que o comportamento apenas pode se desenvolver como reação a um contexto ambiental, o comportamento em interação ambiental requer denominação com comportamento operante. O autor ao falar de comportamento é capaz de afirmar este como recurso primordial do indivíduo na modificação e manipulação do seu contexto social, a servir de instrumento não apenas para modificar o mundo a sua volta, mas também conteúdos acerca de si mesmo, a se considerar como objeto de poder.

Uma vez existente a teoria comportamental, vieram a surgir críticas a respeito da rigidez desta abordagem, críticas às quais puderam fazer menção à redução dos seres humanos a seus comportamentos. Em resposta às críticas, surge então o movimento em defesa a pesquisa dos processos cognitivos. Ao pesquisar a perspectiva cognitiva se entende a cognição como;

Um termo amplo que se refere ao conteúdo dos pensamentos e aos processos envolvidos no ato de pensar. Assim, são aspectos da cognição as maneiras de perceber e processar as informações, os mecanismos e conteúdos de memórias e lembranças, estratégias e atitudes na resolução de problemas. (TAVARES, 2005.p.08)

Na contribuição da abordagem cognitiva pode se destacar os autores: Bandura e Aaron Beck. Como pode explicar Rangé (2008, p.49), em seus estudos com pacientes depressivos Beck construiu o modelo cognitivo da depressão, pois “verificou no conteúdo dos pensamentos e dos sonhos desses pacientes uma tendência para interpretar os acontecimentos

de forma negativista”, a partir do modelo criado pode se investigar mais a fundo os conteúdos do modelo e deste modo torná-lo mais abrangente. De acordo com Beck (2007), um pensamento disfuncional ou distorcido deve ser entendido como fonte para distúrbios psicológicos, e deste modo, a melhora significativa e permanente deve depender exclusivamente de crenças disfuncionais básicas, o que conseqüentemente deve resultar em melhoria comportamental e de humor. Tal teoria teve sua comprovação ao confirmar validação em diversos transtornos, como depressivo maior, ansiedade generalizada e entre outros.

Como pode explicar Beck (2007), à terapia cognitiva tem como encargo dez princípios básicos em seu desenvolver, à primeira vista busca-se um desenvolver contínuo do paciente e seu cognitivo, buscando entender o seu atual pensamento, quais os fatores precipitantes as percepções distorcidas, bem como elaborar hipóteses acerca de eventos e padrões de interpretação duradoura; a terapia cognitiva também requer segurança em relação à aliança terapêutica; o sucesso terapêutico em tal abordagem depende em grande parcela de participação e colaboração do paciente; tende a focar em um problema específico e se orientar em metas; a terapia cognitiva baseia-se em focalizar no presente; tende a se nortear por preceitos educativos, de maneira a prever recaídas; é importante trabalhar com tempo limitado; de maneira a estruturar sessões; deve ser entendido como tarefa importante de tal abordagem habilitar os pacientes a identificar, avaliar e responder pensamentos e crenças disfuncionais; a terapia cognitiva pode contar com a utilização de diversas técnicas para modificar comportamento, humor e pensamentos distorcidos ou disfuncionais.

Bandura também pôde contribuir para o desenrolar da abordagem cognitiva em consequência a seus estudos a respeito de auto eficácia e modelação, com críticas em referência ao modelo de condicionamento operante, Bandura sugere o processo de aprendizagem como algo que pode se desenvolver a partir de mera observação, sem necessariamente reproduzir determinado comportamento, de modo a excluir necessidade de falhas em razão do aprendizado, e deste modo Bandura conclui em seu entender que o indivíduo desempenha papel importante ao elaborar e transformar conteúdos informativos através de experiências, que de acordo com seus estudos não deve haver necessidade inclusiva de modelos reais, mas também modelos simbólicos podem produzir respostas emocionais condicionadas. (RANGÉ, 2008).

Assim como Bandura e Beck outros autores como Mahoney, com as suas pesquisas sobre o controle cognitivo, e Meichenbaum, com o seu trabalho sobre treinamento auto

instrucional, também puderam contribuir positivamente para o progresso da teoria cognitiva, assim como inúmeros outros autores puderam dar continuidade a pesquisas comportamentais e entre outras, e deste modo, em resultado a diversos estudos houve aporte ao surgimento de novas teorias, assim como o elaborar da terapia cognitivo comportamental. Com a existência de duas abordagens válidas, alguns profissionais vieram a se identificar com ambas, o que ocasionalmente resultou na junção das teorias, formando a atual terapia cognitivo comportamental, que lança a necessidade tanto da perspectiva cognitiva, quanto comportamental para que seja possível entender o ser humano em suas questões por completo, e assim poder ajuda-lo. Tavares (2005, p.11) pode explicar a TCC através dos seus dois modelos correspondentes;

A terapia cognitiva visa a identificação de pensamentos distorcidos, sua averiguação na realidade e a correção dos mesmos com um objetivo de maior magnitude, ou seja, a mudança de crenças disfuncionais que se encontram subjacentes a estes pensamentos distorcidos. Para isto ela utiliza-se de diversas técnicas cognitivas, como a reestruturação cognitiva, distração, parada do pensamento, etc. Já a terapia comportamental faz uso de princípios de aprendizagem, estabelecidos experimentalmente, para enfraquecer e eliminar comportamentos inapropriados e mal-adaptativos. Diversas técnicas comportamentais são utilizadas, tais como, a exposição ao vivo, dessensibilização sistemática, exposição e prevenção de resposta, etc.

Em seus estudos Wilson e Branch (2012) podem explicar a influência das crenças, atitudes e pensamentos em relação à realidade de interpretação individual de mundo que cada indivíduo possui, de modo que tais aspectos colaboram consideravelmente pelas respostas comportamentais a se apresentar no mesmo. Por conseguinte, deve se entender a necessidade de entendimento de tais aspectos para mudanças comportamentais e readaptação do comportamento queixoso do indivíduo.

A entender o contexto da psicologia bem como a abordagem cognitivo comportamental, pode se propor entendimento a cerca da validação de seu processo terapêutico e sua eficácia enquanto tratamento psicológico, a levar em consideração o problema social violência e agressividade e os impactos nos processos cognitivos e comportamentais dos envolvidos, como também como pode se definir o nível de competência social de agressores, deste modo entende-se, como a psicologia em tal abordagem pode contribuir no desenvolvimento de tais indivíduos disfuncionais.

Todo processo violento carrega em si um dano emocional, no qual este deve afetar não a apenas a vítima, mas até mesmo o próprio agressor, o que pode ser observado previamente ao fato em si a partir de condutas disfuncionais deste agressor, impulsividade e entre outros. A psicologia pode fornecer ao executar um tratamento, um processo de escuta ativa, na qual

Monteiro (2012.p.20) define como uma escuta atenciosa, pela qual é possível voltar uma atenção especial para aquilo que esta sendo dito, a considerar o todo e não apenas ao que se ouve, deste modo pode proporcionar ao profissional fazer intervenções que possibilitem o indivíduo fazer reflexões acerca de seus pensamentos, e conseqüentemente proporcionar mudanças no mesmo.

O trabalho do psicólogo é potencialmente capaz de contribuir para a sociedade em relação a homens agressores no sentido de reabilita-los, a fim proporcionar oportunidade de modificação dos comportamentos violentos. Levando em consideração os estudos de Aguiar (2009.p.34) onde o autor acaba por pontuar as contribuições em relação à inclusão do agressor no processo de acompanhamento psicológico, deve se analisar não somente como processo legal, mas como algo a contribuir socialmente;

A inclusão da possibilidade de acompanhamento multidisciplinar do agressor no sentido de promover sua reabilitação, segundo os termos da lei, segue uma tendência internacional de não apenas punir ou agravar a pena pela reclusão, mas intervir na dinâmica familiar e conjugal conflituosa.

Com base nos dados fornecidos anteriormente deve se entender o papel da psicologia no processo de reabilitação do infrator, deste modo Monteiro (2012) faz menção a pouca procura espontânea por parte do agressor em relação a atendimento psicológico, o que pode se concluir que grande parte dos agressores com acesso a atendimento psicológico obteve sua procura espontânea influenciada pelas autoridades ou algum outro fator. A levar em consideração o que Monteiro faz pensar a respeito do atendimento a homens agressores, o tratamento necessita incluir uma conscientização para o mesmo em relação a seus atos, de modo a responsabilizar o agressor e propiciar a mudança baseando-se na clarificação em relação as conseqüências do ato;

O trabalho com os homens autores de violência é feito através de grupos reflexivos e/ou educativos. O objetivo é fazer com que estes homens reflitam não somente sobre seu comportamento agressivo, mas também sobre as conseqüências negativas existentes na aprendizagem dos papeis de gênero, ou seja, no quanto eles perdem ao terem que reprimir alguns desejos e vontades, além de negarem seus sentimentos mais “frágeis” como a tristeza, saudade, amor, etc. para se enquadrarem dentro do estereótipo de masculinidade criado a partir da cultura da sociedade no qual está inserido. (MONTEIRO, 2012,P.28).

Desta maneira o profissional de psicologia deverá estar preparado a orientar de forma empática exonerando julgamentos, uma vez que relações terapêuticas necessitem da existência de um rapport e profissionalismo. Tendo em vista a abordagem terapêutica embasada na terapia cognitivo comportamental, de acordo com Tavares (2005, p.9) “Pensamentos distorcidos devem ser corrigidos e controlados, e pensamentos realistas que

acarretam em sentimentos desagradáveis devem ser submetidos a uma busca por solução de problemas”. Tendo isto, ao modificar ou substituir pensamentos disfuncionais que tendem a ocasionar a agressão, automaticamente os comportamentos podem se modificar. Como pode afirmar Guilhard (2004), a existência de um problema comportamental é sempre acompanhada da alguma maneira para se resolver, deste modo, toda forma de manifestação disfuncional pode ser revertida, uma vez que possa ser possível identificar o problema deve haver procedimento adequado a resolver.

2.2 Habilidades Sociais

A definir habilidade social Caballo (2007, p.393) assinala a complexidade de denominar habilidade social, pois fatores culturais e particulares como idade e sexo propendem a influenciar o comportamento hábil em questão, como também o que se objetiva ao efetuar um dado comportamento, se entende o comportamento como algo subjetivo e adaptável, pois o que pode ser aceitável em um determinado contexto pode ser banal em outra situação. Como pode explicar Kienen et al (2018) as habilidades sociais apesar de parecerem fáceis de se aprender, podem surpreender em sua complexidade, o que possivelmente se reduz a classes e subclasses de habilidades interpessoais, expande-se de maneira a englobar muito além de mera definição, o estudo em habilidade social deve percorrer longo caminho até o desenvolver em si.

Prette e Prette (2003) ao definir habilidade social podem explicar que apesar dos termos competência social e habilidade social por longo período puderem ter sido entendidos com o mesmo sentido, posteriormente houve entendimento em relação ao olhar errôneo aos a cerca da definição deste constructo, e deste modo se passou a ter o foco a respeito do alcance de resultados, e não em relação a habilidades comportamentais, pois de acordo com os estudos do autor, o simples fato de possuir habilidades não deve ser suficiente, pois caso não houver capacitação para aplicar a habilidade a obter resultados positivos, de nada serve tal habilidade. Tendo isto, pode se diferenciar habilidade social de competência social, de modo que habilidade é um conjunto de características interpessoais do indivíduo frente uma situação específica a incluir as variáveis do contexto cultural, enquanto que competência social pode ser entendida como algo que pode garantir o preenchimento de critérios funcionais.

Caballo (2007) ainda pode afirmar que uma conceptualização adequada de um comportamento socialmente habilidoso depende de três componentes da habilidade social, tais como a dimensão pessoal, na qual os fatores internos do indivíduo devem pesar; dimensão situacional, onde o contexto atua a influenciar; dimensão comportamental, na qual deve

implicar o tipo de habilidade. Sendo assim é possível entender que cada contexto possui em seu caráter particularidades em relação ao comportamento habilidoso propício, sabe-se então que o convívio em sociedade depende do cumprimento de leis e regras, deste modo à agressividade e a violência aplicado em contexto a considerar os direitos humanos mundialmente impostos, entende-se então a violência como uma comportamento não hábil. A buscar entender habilidade social em seu contexto, Kienem a define como um (2018,p.45);

O campo das habilidades sociais preconiza que: (a) as habilidades sociais são comportamentos sociais aprendidos que, por um lado, aumentam a probabilidade de consequências positivas e, por outro, diminuem a probabilidade de consequências aversivas para o indivíduo; (b) outros comportamentos sociais não habilidosos como, por exemplo, a mentira, o engodo, a calúnia, a ironia, a ameaça implícita ou direta, a chantagem, a agressão verbal e/ou física etc., também são aprendidos e competem com o desempenho de habilidades sociais. Teoricamente, em uma interação social bem conduzida, um bom repertório de habilidades sociais dos participantes aumenta a probabilidade de consequências positivas para os envolvidos e, em sentido oposto, diminui ou ameniza eventuais efeitos negativos.

Inicialmente é possível encontrar estudos a cerca de habilidade social na Inglaterra, pela década de 70, com Michael Argyle e pesquisadores associados, entretanto deve se entender que o interesse por habilidades sociais por parte de Argyle veio a surgir na década de 60, como um movimento independente, a diferenciar dos termos assertividade e treinos de assertividades de habilidade sociais e treinamento de habilidades sociais. A habilidade social que anteriormente deveriam incluir classes de habilidades sociais mais amplas, e subclasses envolvendo civilidade e comunicação, evidência de sentimentos positivos e assertividade, a partir da década de 80 passou a incluir outras classes de habilidades socais como a empatia, habilidades sociais e profissionais, educativas, conjugais e entre outras. (KIENEM, 2018,P.39).

As habilidades sociais são características comuns e necessárias no estabelecimento saudável das relações sociais. Ser hábil socialmente para se estabelecer em sociedade de maneira aceitável demanda diversas outras habilidades, a partir do conjunto integral de competências se forma a habilidade social. Para Prette (2015.p.23) as habilidades socais como “recursos presentes no indivíduo são elementos importantes a serem considerados enquanto facilitadores de uma adaptação mais segura”. Tais recursos dependem do estabelecer de uma comunicação, processos de civilidade, assertividade, empatia para com o próximo, como também expressão de sentimentos positivos.

O processo de aprendizagem e desenvolver de habilidades sociais necessitam-se expressar de forma natural, de modo que a interiorização dos preceitos básicos para o uso desta pratica de adaptação seja internalizada desde as relações sociais do cotidiano, bem como

relações entre família, amigos e escola (PRETTE. 2011.P.19). Deste modo, uma vez que o processo de aquisição das habilidades sociais se dê inicialmente nas relações base, deve se atentar as condições adaptativas deste meio, a fim de entender disfunções a cerca deste processo advindas de heranças adquiridas neste contato inicial, como é o caso de histórico de relações violentas em família que acabam por perpetuar devido heranças perpassadas em constante renovação.

Em casos de disfunções nas relações interpessoais, como no caso de violência pode ser utilizado como meio a minimizar situações violentas o treinamento de habilidades sociais (THS) que pode ser definido como “um campo próprio de estudo sobre o desempenho social e, conseqüentemente, de aplicação dos construtos da psicologia” (PRETTE,2015.P.24). Portanto, entende-se como uma estratégia a aplicar um conjunto de atividades planejadas com intuito a possibilitar um processo de aprendizagem. É sugerido na Lei 13.984/20 o desenvolvimento de programas com o agressor doméstico a fim de recuperar e reeducar o mesmo, deste modo, o treinamento das habilidades sociais pode servir como ferramenta importante na prevenção e amenização da violência doméstica. O treinamento de habilidades sociais para Prette (2011.p.20) deve se basear em dois pontos, habilidades sociais, que são tipos de comportamentos que podem ser classificados de acordo com sua contribuição para a competência social, e competência social, que envolve diversos critérios avaliativos que mensuram o sucesso de um determinado comportamento ou episódios, onde pode se observar autoestima dos envolvidos, qualidade da relação, respeito a direitos humanos, equilíbrio entre ganhos e perdas e consecução do objetivo.

Habilidade social deve ir muito além de estabelecer uma conversa, Murta (2005.p.283) explica que tais habilidades fazem menção a aptidão comportamental adequada para uma relação interpessoal de sucesso, alinhados aos parâmetros característicos de cada contexto cultural, o que deve se incluir os comportamentos de iniciar, manter e finalizar conversas, elaborar e responder indagações, realizar pedidos de ajuda, fazer e recusar pedidos, defender-se, expressar sentimentos, pedir mudança no comportamento do outro quando necessário, saber lidar com críticas e elogios, como também admitir erro, pedir desculpas e escutar empaticamente.

De acordo com Goleman (2011,p.152) a “bela arte de relacionar-se com os outros — exige o amadurecimento de duas outras aptidões emocionais: o autocontrole e a empatia.”, sendo assim, segundo o autor é comum que pessoas inaptas em relação a aptidões pessoais ligadas a estas capacidades, pendem a catástrofes no mundo social, uma vez que sucesso

intelectual não seja o suficiente no estabelecimento concreto de relações, pois são a partir destas aptidões sociais que é possível “moldar um relacionamento, mobilizar e inspirar os outros, vicejar em relações íntimas, convencer e influenciar, deixar os outros à vontade”. Sendo assim, habilidade social propõe o englobar de um conjunto de aptidões, e deste modo proporcionar vantagem social para aquele que pode portar tal capacidade.

Como pode explicar Caballo (2007, p.397) “As crianças observam seus pais interagindo com eles assim como com outras pessoas, e aprendem seu estilo”. Tendo isto, é possível entender como o processo de aprendizagem tende a influenciar no desenvolver das habilidades sociais, de modo que as condições vivenciais da família em que o indivíduo se encontra introduzido irá direcionar as quais habilidades sociais o mesmo tende dispor, o que ao implicar em vivências em famílias disfuncionais socialmente, deve conseqüentemente trazer ao indivíduo habilidades desarmonizadas socialmente, a prejudicar relações interpessoais, sociais, íntimas e diversas.

2.2.1 Classes de habilidades sociais

Das classes de habilidades sociais existem as empáticas, habilidades sociais de comunicação e feedback, e habilidades sociais assertivas. Del Prette (2002.p.92), pode afirmar a existência da ligação direta entre déficit das habilidades sociais com problemas comportamentais e transtornos psicológicos. Assertividade, empatia, controle emocional, inteligência social e autoconhecimento são algumas das habilidades a proporcionar uma melhor interação social, bem como auxiliar a solucionar problemas interpessoais, na melhoria da comunicação e civilidade.

Assertividade segundo Caballo (2007, p.341) faz referência a representação de sentimentos, o “termo *assertivo* refere-se não só ao comportamento mais ou menos agressivo, mas também à expressão externa de sentimento de amizade, carinho e outros diferentes dos de ansiedade”. A levar em consideração a contextualização histórica segundo o autor, consegue se entender que o comportamento assertivo por um longo período pode se referir unicamente à representação de sentimentos e à defesa dos direitos, posteriormente houve capacidade de entender o termo como referente, também a expressão dos sentimentos, passando então a incluir a técnica do treinamento assertivo como ferramenta da terapia comportamental, sendo indicadas para amenizar déficit em habilidades, dando início a estudos acerca das habilidades sociais pela perspectiva comportamental.

O autor afirma que comportamento assertivo configura-se como sinônimo de habilidade social, e o treinamento de habilidades sociais “normalmente concentra-se na

aprendizagem de um novo repertório de respostas”. (CABALLO, 2007.p.396), e para treinar novas respostas comportamentais deve se trabalhar alguns elementos, a seguir procedimentos como o treinamento em si das habilidades, no qual implica em ensinar comportamentos específicos, a fim de integrar a prática deste ao repertório comportamental do indivíduo; reduzir a resposta de ansiedade em situações problema, o que pode ocorrer como fruto do emprego de um novo comportamento incompatível com a resposta de ansiedade; na etapa da reestruturação cognitiva o objetivo é realizar a modificação das crenças do indivíduo e alterar valores, crenças e atitudes; o treinamento em resolução de problemas tende a implementar no indivíduo a percepção correta de valores acerca de diversos parâmetros situacionais, de modo que o processamento desses valores possa gerar respostas competentes.

De acordo com Alberti e Emmons (1973, p.05), o comportamento assertivo detém caráter aversivo a resposta ansiosa, de modo a proporcionar diminuição da mesma, o autor ainda pode explicar que:

Quando a pessoa se torna mais capaz de afirmar-se e fazer coisas por iniciativa própria, ela reduz apreciavelmente sua ansiedade ou tensão anteriores em situações críticas e aumenta seu senso de valor como pessoa. Este mesmo senso de valor está geralmente ausente na pessoa agressiva, cuja agressividade pode mascarar sentimentos de culpa e de insegurança.

Tendo isto, pode-se entender a partir da concepção do autor que a assertividade permite o controle acerca de si próprio e de suas relações, de modo a se sentir capaz e confiante, e agir de maneira espontânea, o que pode proporcionar evolução em relação ao indivíduo agressivo e até mesmo auxiliar na exclusão do comportamento agressivo, uma vez que possa haver ligação da agressividade com a ausência do comportamento assertivo.

Caballo (2007), aponta o treinamento de habilidades sociais como uma técnica utilizada na terapia comportamental, ao fazer menção a tal ferramenta explica a existência da dificuldade ao executar, pela necessidade de grande conhecimento de diversas áreas da psicologia, bem como a interferência social na influência do comportamento a ser treinado. O treinamento em habilidades sociais deve proporcionar a implementação de competência na atuação em situação a se considerar críticas (CABALLO 2003, apud Goldsmith e McFall, 1975, p. 51). Sendo assim, deve-se entender a importância da psicologia no desenvolvimento de habilidades sociais, visto que o profissional psicólogo habilitado detém do conhecimento necessário para desenvolver comportamentos sociais mais saudáveis.

2.2.2 Empatia

A palavra empatia de acordo com o dicionário Dicio (2020) refere-se a aptidão para se identificar com o outro de maneira a entender o outro em sua totalidade. Polozi (2017, p.9) especifica a empatia como o ato de se colocar no lugar do outro, e deste modo se permitir compreender e identificar os desejos e sentimentos de outrem, este processo de empatia deve contribuir na consolidação de relações mais profundas e duradouras. Na busca por entender a empatia, é importante considerar que “Enviamos sinais emocionais sempre que interagimos, e esses sinais afetam aqueles com quem estamos” (GOLEMAN,2011, p.154). Deste modo, uma vez que sinais afetam outrem, agir empaticamente pode proporcionar em resultados positivos no estabelecimento de uma relação interpessoal, bem como servir como sinal de inteligência emocional, a diminuir impactos das emoções por meio de controle das mesmas. Pereira (2013) explica a empatia como um processo onde ser empático implica em imitar o comportamento alheio por meio de uma simulação, a observar o indivíduo e deste modo pode ser possível imaginar quais são os sentimentos e emoções do outro, e a possibilitar sentir como o outro sente.

Como o exemplo de um acrobata se apresentando. Quando o vemos, podemos nos sentir dentro dele e chegar mesmo a projetar em nós o medo de cair da corda, “sentir” a dor de alguém que cai ou se machuca ou mesmo ficar triste quando alguém também ficar. Ao chorar em um casamento, uma pessoa estaria imitando internamente as emoções sentidas por quem está no altar. (PEREIRA,2013,P.5).

Tendo isto, se entende a empatia como um processo humano no qual a habilidade de ser empático favorece a interpretação da situação vivenciada, de modo a proporcionar uma resposta branda em relação ao outro, ao passo que sentir o que o outro sente deve ser uma experiência a ir muito além de apenas ver a situação. Pereira (2013.p.07) ainda define a empatia como um ato humano, no qual favorece a sociabilidade e a sobrevivência, pois preserva o instinto de proteção.

De acordo com Borges (2015.p.15) ao cultivar empatia é importante desenvolver e praticar seis hábitos, o primeiro deles deve envolver a prática de acionar no cérebro a parte empática do ser humano através de mudanças estruturais da mente a fim de reconhecer a empatia como parte da estrutura humana; em segundo lugar deve ser realizada uma espécie de simulação empática a fim de se colocar na posição do outro de maneira que seja possível entender sua individualidade, perspectivas e humanidade; em terceiro lugar pela busca ao ser empático, se faz necessário à busca por aventuras experienciais a envolver atos como explorar culturalmente, cooperações sociais e viagens empáticas; em quarta colocação esta a prática da conversação, a envolver a retirada das mascaras emocionais e escuta radical com estranhos; quinto hábito a se realizar deve ser o de fazer um contato indireto com outras pessoas a partir

de redes sociais, literatura e entre outros; em sexto lugar deve se promover a empatia socialmente, em uma proporção que vise promover melhorias sociais.

A empatia, como explica Prette (2003, p.301) é “uma das habilidades essenciais para um relacionamento interpessoal produtivo para todas as partes nele envolvidas”, de modo que olhar e se por na perspectiva alheia possa proporcionar capacidade de resposta comportamental aceitável. Levando em consideração a importância da empatia, se faz necessário entender sua abrangência global e benefícios unilaterais, uma vez que ser empático tende proporcionar consequências positivas para o indivíduo delator em questão, esta deve também trazer benefícios ao profissional da psicologia a auxiliar este indivíduo. Segundo Oliveira, Bandeira e Pitanga (2018.p.3) “compreender o conceito de empatia pode oferecer ao psicólogo uma tomada de perspectiva que implica, além da disposição de ouvir, perceber componentes verbais e não verbais que facilitem o compartilhamento de experiências”, tendo isto, entende-se a necessidade primária a cerca da compreensão do ato empático na possibilidade de obter resultados satisfatórios.

Os autores entendem a empatia como parte essencial do processo terapêutico, de modo que sua compreensão deve resultar no sucesso do tratamento terapêutico, uma vez que seja possível compreender empaticamente o agressor, a englobar o contexto da agressão, seus sentimentos e dinâmica familiar e social, passa ser possível orientar um norte próximo a realidade deste indivíduo, a incluir a possibilidade em sua perspectiva. Oliveira, Bandeira e Pitanga (2018) propõem a ausência de empatia como um fator fortemente influente na propagação das relações baseadas em inexistência de consciência e incapacidade para perceber sentimentos de outrem. Tendo isto, obtém-se a percepção acerca do peso da atuação da empatia em referência as relações sociais, de modo que o funcionar saudável das relações universais dependa diretamente do uso completo da empatia.

2.2.3 Autocontrole e inteligência emocional

Autocontrole de acordo com Prette e Prette (2003) denomina-se ao ato de demonstrar ajustamento social por meio de controle emocional, respeitar regras e limites, saber negociar, lidar com críticas e tolerar frustrações. Sendo assim, o controle emocional pode ser entendido como o controle dos impulsos dirigidos emocionalmente, a dar espaço ao raciocínio mental e a inteligência emocional. Ao estudar controle emocional é possível entender como as emoções devem refletir na vida dos seres humanos, levando em consideração a existência de emoções e sentimentos bons e ruins, há necessidade de levar em consideração que cada um possui seu papel em sociedade, e deste modo, nenhum pode ser considerado como algo banal, entretanto

para que não haver prejuízos para o portador deve haver a consciência sobre seus atos e controle das emoções de modo a limitar até onde as emoções podem levar, se poderá afetar o outro, se positiva ou negativamente, ao uso frequente da inteligência emocional.

Goleman (2011,p.28) afirma que “deficiências em inteligência emocional ampliam a gama de riscos, desde a depressão ou uma vida de violência até os distúrbios alimentares e o vício em drogas”. A considerar tal estudo clarifica-se o entendimento em relação a amplitude relacional, a inteligência emocional e o sucesso social. Oliveira (2008.p.157) sugere a existência na vida de todos os seres humanos, os momentos conflituosos, para tais se indica a procura por solução à situação problema de maneira a evitar indicar culpados, analisar de forma minuciosa a situação a manter sempre respeito, usar das habilidades de ouvir e falar adequadamente, ao fazer críticas, sugerir construtivamente, buscar soluções onde ambos os lados sejam beneficiados, a buscar criteriosamente a eliminar conflitos, evitar preconceitos, manter a calma, reconhecer erros, como também não ignorar problemas. Tendo isto, deve se pensar que ao atingir tal nível de resolução de conflitos, deve se ter em mente grande capacidade de controle emocional, uma vez que situações conflituosas tendem a gerar emoções adversas as necessárias para a solução do problema em questão.

Polozi (2017,p.7) afirma que a inteligência emocional é “um conjunto de habilidades que permite a você vencer dificuldades e compreender cada situação do dia a dia, por meio do equilíbrio entre a razão e a emoção”. Deste modo pode se entender controle emocional existente quando o indivíduo se encontra hábil nos quesitos da inteligência emocional, uma vez que ao haver a necessidade da compreensão da emoção vivenciada a mesma pode ser controlada em favor da boa convivência e evolução das relações sociais.

Goleman (2011,p.27) pontua como pontos chaves da inteligência emocional controlar impulsos emocionais, saber interpretar corretamente sentimentos mais íntimos de outrem, possuir habilidades para lidar tranquilamente com relacionamentos diversos, e por sua vez expõe um novo modelo que pontua a inteligência tendo como ponto chave para a aptidão para viver, as emoções, e em contrapartida o autor afirma que as emoções nocivas podem fazer tal mal fisicamente quanto o ato de fumar. Deste modo o controle emocional deve incluir inteligência emocional, uma vez que houver entendimento a cerca de si e a respeito do outro e de suas relações e possível haver o controle das emoções, oque deve resultar em resultados satisfatórios e positivos na vida deste individuo.

Ao entender os preceitos da inteligência emocional, visto a necessidade de incluir como fruto a esta, o controle emocional, também pode se destacar como resultado deste saber

o autoconhecimento emocional, automotivação, empatia e melhores habilidades sociais envolvendo relacionamentos interpessoais. (POLOZI, 2017,P.9). Prette e Prette (2003, p.131) propõe que a inteligência representa um dos ”aspectos mais importantes da competência pessoal, pois contribui de alguma maneira para o sucesso de todas as formas de empreendimento humano a definir”, o autor explica assertividade como habilidade de defesa pessoal em relação aos direitos do indivíduo, que se dá por meio da expressão de pensamentos, sentimentos e crenças, sempre a respeitar as condições de outrem.

A inteligência social é uma habilidade a contribuir na adaptação em sociedade, e vem a ser estudada a um grande período. Prette e Prette (2003.p.130) evidencia que após a passagem da era da informação, à era da industrial, pode se direcionar o olhar a novas habilidades, de maneira a valorizar enfaticamente a habilidade para lidar com símbolos e repentinas mudanças, a se destacar como estudo para a psicologia, e como pode definir o autor, a inteligência pode ser explicada como uma “função adaptativa”, o autor ainda permite entender a inteligência como forma de “interpretação de indicativos verbais e não verbais a fim de que se efetuem as inferências a respeito do interlocutor”. Tendo a importância da inteligência social, o autor pode direcionar os conteúdos a cerca da inteligência social em uma relação direta com a competência social, de modo a entender a inteligência social como a “capacidade de raciocinar para resolver problemas encontrados nos relacionamentos com outras pessoas”. (Prette, 2003, p.138).

2.2.4 Autoconhecimento

Autoconhecimento de acordo com Prette e Prette (2003, p.162) é a habilidade que tende a “aumentar o autoconhecimento e beneficiará o paciente, por não confirmar os seus esquemas interpessoais disfuncionais”; O autoconhecimento implica em uma série de conhecimentos a cerca de si mesmo, de modo que seja possível entender cada sentimento e ação a se realizar por própria autoria, segundo Peres (2011.p.13);

O processo do autoconhecimento ocorre quando nos damos à oportunidade de abrir nossas mentes para o conhecimento, de quebrar os paradigmas estabelecidos no decorrer da vida e que ficam armazenados na nossa mente. Vale dizer aqui que paradigmas são modelos nos quais baseamos nossas percepções, ou seja, é o padrão através do qual entendemos, analisamos e modificamos o mundo exterior.

Deste modo, deve se observar que quando há a existência do autoconhecimento, o acompanhar involuntário de outros fatores positivos como habilidades de comunicação e habilidades sociais aprimoradas devem surgir como consequência do processo. Uma vez que se autoconhecer permita ao indivíduo analisar um fato a maneira que leve em conta sua

reação, deve se tornar mais ávido e fácil o controle emocional, o que conseqüentemente deve refletir positivamente em casos de agressão pela impulsividade e precariedade em conhecimento a cerca de si próprio.

Apesar de o autoconhecimento acompanhar diversos resultados positivos, se faz necessário entender que se autoconhecer não é uma tarefa fácil e rápida, mas algo a durar por períodos extensos e de grande sofrimento, uma vez que se autoconhecer implica em entender de maneira mais profunda, não apenas qualidades, pensamentos e ações, mas também erros e desarmonia cultural, que possivelmente pendem a contra partir a valores pessoais o que causa sentimentos como frustração, angústia e entre outros.

Se autoconhecer pode resultar em sentimentos de vulnerabilidade, uma vez que todos os conteúdos internos como também sentimento ocultos, ao estar expostos não podem mais regredir ao abstruso, o que de acordo com Brown (2013.p.) estar vulnerável não se resume necessariamente ao negativo, mas também deve trazer conseqüências positivas, para que seja possível surgir resultados positivos as experiências vividas devem ser vivenciadas de maneira ousada, o que de acordo com o autor só deve acontecer com o usufruto da vulnerabilidade, que por sua vez pode contribuir ao oportunizar a transparência em relação ao indivíduo em questão, de modo a permitir entendimento a cerca da vulnerabilidade do indivíduo em relação suas capacidades, pensamentos, fraquezas e sentimentos, ou seja, em resultado de se autoconhecer.

Deste modo, teoricamente se conclui que a ocorrência de autoconhecimento em relação a si mesmo, fraquezas e incapacidades podem resultar no ocorrer gradativo da melhoria da qualidade de vida e de relações sociais mais prosperas, uma vez que ao surgir entendimento a cerca dos limites máximos a se atingir, deve surgir consigo o autocontrole, o que para pessoas histórico de agressão deve ser de grande valia, visto se autoconhecer deve caminhar de mãos dadas ao autocontrole.

2.3 Violência

O contexto de violência é vasto a considerar as diversas culturas, entretanto Modena (2016.p.8) a entende como algo que “expressa o ato de violar outrem ou de se violar”. A violência pode se definir por diversos campos, como a agressividade que segundo Pereira (2011, p.14) tem como significado ir contra o outro, é revestida por vários fatores, como os biológicos, psicológicos, sociais e existenciais, devido a isso pode ser compreendida com diversas configurações; violência pode ser configurada como física e psicológica. Com base

nisto, as diferentes formas de violência possuem em si caráter agressivo. Segundo Silva (2007.p.23);

A violência não é uma, mas sim múltipla. De origem latina, o vocábulo vem da palavra *vis*, que significa força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro. No seu sentido material, o termo parece neutro, mas quem analisa os eventos violentos descobre que eles se referem a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e a vontade de domínio e aniquilamento do outro, e que suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas, segundo normas sociais mantidas por aparatos legais da sociedade ou por usos e costumes naturalizados.

Deste modo devem-se entender os malefícios da violência não só como um problema a envolver os indivíduos em questão, mas como algo atingir uma vasta gama de situações e pessoas, pois como determina Minayo (2007,p.22) a violência pode resultar em diversos malefícios, tais como morte, atingir a família da vítima e também do agressor, gerar lesões e traumas físicos como também agravos mentais, emocionais e espirituais podendo permanecer perpetuamente, diminuir a qualidade de vida das pessoas e das coletividades, de maneira a por a prova o sentimento de segurança de quem por ventura presencia tais situações ou se envolvam de maneira mesmo que superficial, a violência também vem expõe o desajuste da organização tradicional dos serviços de saúde, a inserir novos problemas para o atendimento médico, uma vez que quadros médicos advindos de agressão vem a ser algo provocado intencionalmente e acaba por ocupar ainda mais profissionais da saúde, como também intensifica a necessidade de implementar recursos visando bem estar dos cidadãos.

Além das definições do ato violento se deve considerar que o mesmo é crime, segundo Colhado (2016), o crime é a ocorrência de uma infração penal, cujo fenômeno social pertence à realidade humana. Como afirma Caballo (2007, p.394) ao executar um comportamento “em geral, espera-se que o comportamento socialmente habilidoso produza reforçamento positivo mais frequentemente que punição”, e com tal afirmação, deve se entender a violência como comportamento fora do padrão assertivo, entretanto, ao ponto de vista do agressor, o executar da violência pode trazer resultados positivos, como o controle em relação ao outro, servir como sinônimo de poder, obter respostas rápidas e entre outros, tendo isto, pode se entender a complexidade em relação ao desenvolvimento do comportamento agressivo, bem como os desafios para conter o mesmo, evidenciando pensamentos disfuncionais. Minayo (2007.p.23), propõe que é um processo anterior à violência, a agressividade;

A transformação da agressividade em violência é um processo ao mesmo tempo social e psicossocial para o qual contribuem as circunstâncias sociais, o ambiente cultural, as formas de relações primárias e comunitárias e, também, as idiosincrasias dos sujeitos.

Deste modo, trabalhar em direção ao equilíbrio da agressividade, seja por meio de controle emocional ou empatia, vem a ser de grande relevância para amenizar ou prevenir situações de violência. Modena (2016. p.10), demonstra as possíveis condições que podem resultar no comportamento violento, tais quais devem ser analisados os fatores biológicos, grau de civilização do indivíduo, como também da vontade e liberdade do praticante. A perspectiva biológica incita um instinto de superação dos conflitos, um enfrentamento com foco na luta pela sobrevivência, tal instinto pode estar ligado a questões psicofísicas, onde substâncias químicas ou elementos psicológicos podem ativar um estado violento, o que pode ser o caso de dependentes químicos, indivíduo em estado de ódio, estresse ou com algum descontrole emocional. (MODENA,2016. p.11).

Pereira (1975.p.61) divide a violência entre atos físicos, onde a expressão é dada fisicamente, havendo contato direto, de forma ostensiva; a partir de uma agressão material; e morais, no qual a violência se dá a partir de palavras, gestos, atitudes e comportamentos, seja por meio de comunicação verbal ou escrita, tal forma de agressão é vista como secreta. Monteiro (2012.p.29) indica fatores que podem contribuir na execução de atos violentos quanto na potencialização das dimensões que um momento de agressividade pode atingir de modo a proporcionar uma evolução para algo de grande magnitude. Dentre os tais estão à utilização de álcool e drogas; convivência familiar em ambiente conivente a relações violentas, de modo que a violência intrafamiliar possa resultar em distúrbios e patologias; deve-se destacar também uma idealização rígida e fantasiosa em relação a gênero e comportamentos correspondentes, bem como dificuldade em falar sobre sentimentos pessoais.

A violência doméstica ou intrafamiliar de acordo com a BVS (2015) é explicada como atos violentos que ocorrem entre membros do mesmo lar. Esta forma de violência transparece os efeitos da condição violenta masculina, de acordo com Brasil (2006), a violência doméstica conta com cinco formas de manifestação, tais como: violência física, violência psicológica, violência moral, patrimonial e sexual. Silva (2007, p.49) define a violência física, como “expressões que se referem ao uso da força física”, e faz menção a população de risco em relação a esta prática, dentre elas estão as mulheres, crianças, idosos e adolescentes.

A violência física, segundo Essy (2016) implica no uso de força física, de modo a exonerar a necessidade de marcas para sua comprovação; violência psicológica pode ser entendida pela autora como agressão emocional, onde o agressor usa de ameaças, manipulação, humilhação e discriminação da vítima; violência sexual entende-se como a coerção da vítima a praticar atividades sexuais sem seu consentimento, podendo trazer ricos a

saúde da mesma, tal violência é comumente exercida em relações matrimoniais como fruto da alegação de um direito do matrimônio; violência patrimonial resume-se a delitos contra os bens, como a subtração do patrimônio, apropriação indébita, furto e afins; violência moral faz referência a violência contra a honra, a incluir calúnia, injúria ou difamação, a causar consequências diretas na autoestima e reconhecimento social da vítima, a desqualificar moralmente sua imagem.

As diferentes formas de violência podem resultar em consequências a longo e curto prazo. Das diferentes formas de manifestações psicológicas, podem ocorrer danos imediatos e tardios, dentre os imediatos podem se listar pesadelos repetitivos, ansiedade, raiva, culpa, vergonha, medo do agressor e de pessoa do mesmo sexo, quadros fóbico-ansiosos e depressivos agudos, queixas psicossomáticas, isolamento social e sentimentos de estigmatização. Entre os danos tardios, o aumento significativo na incidência de transtornos psiquiátricos, dissociação afetiva, pensamentos invasivos, ideação suicida e fobias mais agudas, níveis intensos de ansiedade, medo, depressão, isolamento, raiva, hostilidade e culpa, cognição distorcida, tais como sensação crônica de perigo e confusão, pensamento ilógico, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber realidade, redução na compreensão de papéis complexos e dificuldade para resolver problemas interpessoais. (DAY et al., 2003).

Caballo (2007.p.397), aponta como “as respostas sociais, podem ser reforçadas ou punidas, o que faz com que certos comportamentos aumentem e refinem-se, e outros diminuam ou desapareçam”. A entender punição, se leva em consideração a particularidade de cada indivíduo, de modo que seja possível entender que cada um se reforça com algo específico, bem como a punição é particular e individual, onde algo que tende a ser punitivo para uma pessoa pode não ser para outrem, entretanto, pode se considerar como um fator importante neste aspecto, à cultura, que de maneira singela tende a influenciar aqueles que a circundam e nela estão inseridos.

Desta forma, torna-se possível entender como a violência pode durar em longo prazo, a punição para a violência em diversos contextos culturais vem a ser algo necessário, a fim de minimizar os impactos da mesma, porém em contrapartida a existência de reforçamento cultural em detrimento da violência deve colidir com a quebra de ciclos violentos, visto que a violência pode ser entendida como sinônimo de poder e, por conseguinte, a punição a se aplicar de forma breve em comparação com a dimensão da resposta reforçadora e seus benefícios, pode acabar resultando em não punição ao agressor, que possivelmente tende a realizar novamente um comportamento violento.

A mulher vítima de violência tende a enfrentar diversas dificuldades, pois a partir do ponto onde pode-se entender que a violência é um processo que se estender de forma gradual, onde identificar o agressor demanda investimento de tempo, bem como o processo de preparar a mulher para amenizar o devastar da separação em caso de violência no casamento, de modo a trabalhar a dificuldade devido à esperança em mudança, bem como a dependência financeira, as ameaças aos filhos, e se for o caso ameaças a vítima, caso opte pela separação, o isolamento da vítima perante familiares, amigos ou quem quer que possa ajudá-la, assim como vergonha. (Soares, 2005).

2.3.1 Tipos de violência

As medidas punitivas em relação às violências pendem a punição direcionada ao cárcere do indivíduo infrator, o que em diversos casos se estendem por três a quatro meses, postergando a agressão por uma medida cuja não incita reversão e resgate do indivíduo de perfil agressivo. Moreira e Ceccarelli (2016, p.02), explicam que “há múltiplas faces da violência nas relações de intimidade, tanto na forma como ela pode ocorrer, quanto na dinâmica de quem a perpetra e de quem a sofre”, portanto cabe explicar a diversidade do ato violento. A violência física, segundo o Ministério da Saúde ocorre quando:

Uma pessoa, que está em relação de poder em relação à outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Segundo concepções mais recentes, o castigo repetido, não severo, também se considera violência física. (BRASIL, 2002, p.17)

Tendo isto, pode se entender a violência física acerca de um aspecto mais visível e palpável, cujo conta com transparência mediante o acontecimento, e deste modo pode ser mais facilmente identificado. Baseado nas informações do Ministério da Saúde (2002, p.21), violência patrimonial ou financeira pode ser definida como “todos os atos destrutivos ou omissões do (a) agressor (a) que afetam a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família”.

De outro modo, conforme a lei 11340/2006 capítulo II, Art.7º, a violência patrimonial é entendida como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades”. Deste modo, é possível interpretar a violência patrimonial como a violência relacionada à dependência financeira, a mulher vítima deste tipo de violência se propõe a viver uma vida de lamúria e sofrimento, a sofrer diversos tipos de agressões por não encontrar saída para sua

sobrevivência, e se for o caso, de seus filhos, levando em consideração que a violência gera danos psicológicos que as levam a uma situação de codependência, com a falsa crença de não conseguir sobreviver sem o auxílio financeiro do parceiro, além de que é parte da violência patrimonial o roubo, uso de recursos da vítima, destruição de bens pessoais e recusa a pagar pensão alimente ou ajuda de custo para sobrevivência dos membros familiares. (BRASIL.2002, p.21). Pode se definir violência psicológica segundo a lei 11.340, como:

Qualquer conduta que lhe cause danos emocionais e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e autodeterminação (BRASIL, 2006).

Tendo em vista a impossibilidade de desvincular tal violência das demais “pois encontra alicerce no impedimento da mulher de exercer sua liberdade e condição de alteridade em relação ao agressor. (ESSY, 2016.p.44). Deve-se entender a convergência destas em consequência do executar da violência psicológica, de modo que o desenvolver da violência psicológica tende a facilitar diferentes implementação de outro processo violento na vítima, por meio de um condicionamento psicológico gradual ao sofrimento.

A violência moral, bem como a psicologia se faz presente intrinsecamente em todas as outras formas de violência, na Lei 11.340 (2006) “violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria”, é a prática de atos que provoquem no outro, situações de constrangimento, bem como mentiras sobre o mesmo, criar situações que nunca aconteceram incluindo a vítima, conduzir ou praticar injustiças e entre outros. A partir das definições feitas pelo Ministério da Saúde a violência sexual:

É toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra a sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização, da qual o agressor tenta obter gratificação. (MINISTERIO DA SAUDE, 2002. P.17)

Segundo Pereira (2007, p.42) pode se explicar a violência sexual em dois termos, “Hands on”, pelo qual na agressão deve existir contato direto com as áreas do corpo sexualizadas, e “Hands off”, que pode ser entendida como uma forma de violência menos intensa, onde são praticadas através de exibicionismo, abuso verbal e entre outros. “Em cada sociedade a estrutura de poder vigente, define o que é sexualmente permitido e o que não é aceitável; muitas vezes a lei é ditada por um grupo que nem sempre partilha o mesmo sistema de valores daquela cultura” Pereira (2007, p.28). Por conseguinte, torna-se possível obter

consciência acerca da influência social direta no processo de estabelecer e praticar violência sexual.

De acordo com Soares (2005, p.23), as situações violentas geralmente ocorrem por ciclos: no primeiro ciclo, o agressor dá demonstrações menores de violência, como agressão verbal, quebra de objetos, crises de ciúmes, ameaças. No segundo ciclo, a agressão atinge o ápice, e a relação se torna inadministrável, a fugir do controle, onde ocorrem as agressões, sendo a fase mais curta e que pode levar a incidentes mais graves. Já o terceiro ciclo é marcado pelo arrependimento. Nogueira (2016, p.18), enfatiza a existência da diversidade a respeito da violência, e ainda pode ressaltar, que além da violência doméstica, muito repercutida, deve-se voltar a atenção aos demais tipos de violências, tais como: violência cometida por estranho, tráfico de pessoas, violência laboral e outras diversas.

Como assinala Caballo (2007), as habilidades sociais consideradas como não hábeis, tendem a resultar em ineficiência a obter os objetivos da resposta, complicações quanto à eficácia da relação, como também ineficácia a respeito da autoestima em relação ao estabelecer social do indivíduo.

2.3.2 A influência familiar em histórico de agressão

A entender família como um meio social, deve-se saber que esta se encontra inserida num meio social pela qual existe uma cultura dominante, deste modo deve se pensar inicialmente na influência da cultura em relação à agressividade e violência, como exemplo, pode ser indicado os pensamentos de Modena (2016.p.13), acerca da violência, pois segundo seu livro a violência em algum contexto pode ser igualada a poder, ou até mesmo como recurso final para perpetuação do poder, a considerar como uma tentativa final de controle em relação a uma situação de risco. Minayo (2007.p.23), ao apontar a definição de violência afirma que: “Há sociedades mais violentas do que outras, o que evidencia o peso da cultura na forma de solução de conflitos.” Tendo isto, pode ser comum que ao aprender que a violência pode ser uma saída para resolução dos problemas, esta seja utilizada como tal. Segundo Aguiar (2009.p.42), a violência também pode ser explicada a partir de um viés que se pode compreender como:

Enfoques sociológicos que apontam a violência conjugal como a derivação de um modelo de sociedade e cultura na qual os homens detêm, historicamente, mais poder em diversas instancias sociais, inclusive na família. O exercício da violência de homens sobre mulheres nas famílias passa essencialmente pelo desequilíbrio de poder, definido culturalmente e exercido através de manobras interpessoais de controle das relações.

Ao considerar o histórico familiar como influência em agressões, deve-se levar em consideração os reflexos da convivência em família em diversos aspectos da vida, como a inclusão de valores, crenças e dentro outros, uma vez que a família seja o primeiro meio social que cada indivíduo se insere, esta pode causar impactos tanto positivos quanto negativos. Shaffer (2009) aponta o meio cultural e social como possível influência para a agressividade, dentre estes ambientes pode se incluir esporte, escola, e principalmente a família, deste modo deve-se atentar a ambientes hostis e experiências violentas em casos de pesquisa a respeito da interferência familiar em situações violentas. Tendo em vista que a família é o primeiro processo de socialização dos seres humanos, os comportamentos e valores por meio deste aprendidos tendem a interferir diretamente nos comportamentos e sentimentos futuros do indivíduo neste meio submetido.

Diversos estudos apontam a importância do ambiente familiar no desenvolvimento e modificação de violências, Winnicott (1987) faz transparecer em seus estudos, como a família acaba por exercer o papel permissivo na expressão e transformação da agressividade, onde inicialmente não se caracteriza pela intenção de destruir, mas de se estabelecer socialmente, formação de vínculo e estabilidade.

A levar em consideração as conteúdos elaborados por Goleman (2011, p.28) apesar de herdar geneticamente conteúdos que podem determinar um temperamento, deve existir no cérebro maleabilidade nos circuitos, de modo a proporcionar oportunidade de adaptação e aprendizagem em relação ao estabelecimento em sociedade. Como pontua Goleman;

As lições emocionais que aprendemos na infância, seja em casa ou na escola, modelam os circuitos emocionais, tornando-nos mais aptos — ou inaptos — nos fundamentos da inteligência emocional. Isso significa que a infância e a adolescência são ótimas oportunidades para determinar os hábitos emocionais básicos que irão governar nossas vidas. (GOLEMAN, 2011, P.28).

Tendo isto, é possível afirmar a existência do peso das intervenções familiares, bem como a importância de entender o processo de educação e desenvolvimento do indivíduo agressor, de modo que seja possível reelaborar um plano diferenciado daquele vivido por este indivíduo em sua infância.

3.0 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir na leitura deste capítulo é ofertada à descrição dos resultados obtidos em consequência da meta análise de Habilidades Sociais de Homens Agressores. Da mesma forma, estão descritos seguidamente os critérios de inclusão, como também os critérios de exclusão aplicados nesta pesquisa, de modo a contar com a definição e especificação detalhada e quantificada dos títulos investigados.

3.1 Resultados com critérios de exclusão

Na investigação de pesquisas pertinentes a habilidades sociais de homens agressores, foi necessário levantar conteúdos considerando critérios de inclusão, os quais tiveram como objetivo permitir a separação de conteúdos tencionados de outros inespecíficos. Para facilitação deste, foi fundamental definir critérios de exclusão.

Na presente pesquisa foi estabelecido sete critérios de exclusão, tais como: violência fora do padrão doméstico, vítimas de crimes, relatos de violência doméstica na percepção feminina, agressão no contexto comunitário, violência doméstica não relacionada a homem – mulher, representação feminina como vítima de violência e violência por parceiro íntimo.

Com base nas informações apresentadas no parágrafo anterior definiu que a violência fora do padrão doméstico pertence aos critérios de exclusão estabelecidos neste estudo, tendo isto, cabe a explicação desta como todo tipo de violência que não envolve convivência familiar entre o agressor e a vítima, mas perpetração desta em ambientes aleatórios e à pessoas sem vínculos parentais.

O termo violência fora do padrão doméstico se distancia dos objetivos de análise da presente pesquisa, pois opõe-se ao termo violência doméstica contra a mulher, assunto de relevância nesta pesquisa, no qual encontra-se entendimento na Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, como sendo a prática de violência ou emissão direcionada ao gênero feminino, a fim de lhe causar morte, lesão ou sofrimento entre as diversas possibilidades de aplicações deste.

Ainda dos critérios de exclusões destacou-se as publicações relacionadas a vítimas de crime, cujas vítimas decorrem de uma série de crimes sobrepondo à violência doméstica, nos títulos disponibilizados a partir desta se excluíram os apresentados como forma de crimes cometidos em detrimento de fatores culturais, ataques a vítimas sem padrão específico, os que não envolvem relacionamento heteroafetivo e que não são pertencentes à violência doméstica.

Segundo Colhado (2016), o crime se define como uma violação da lei penal, logo é algo que deve ser punido.

Ao excluir pesquisas de habilidades sociais, cujos resultados apontaram conteúdos pertinentes a “relatos de violência doméstica na percepção feminina”, considerou-se retratações da experiência de violência vivida pelas vítimas, a evidenciar a perspectiva destas e os efeitos da violência neste contexto específico, priorizando a descrição da vítima e não do agressor. Conforme apontado nos objetivos desta pesquisa é tencionado a investigação relativa à percepção do agressor, tendo isto, relatos por parte da vítima se afastaram do que foi pretendido por parte desta.

A agressão no contexto comunitário aplicou-se como critério de exclusão na investigação de estudos condizentes a Habilidades Sociais de Homens Agressores, pois apontou os diversos contextos de violência. No que concerne à comunidade, se entende como abrangente a públicos inespecíficos e uma variedade de formas de agressão, que podem surgir em consequência de fatores culturais ou em resultado de um período enfrentado pela comunidade e diversas outras situações, que aqui se aplicam como alvo o ambiente comunitário.

Considerando o exposto acima, o conceito de comunidade conforme Scarparo e Guareschi (2007), “se conforma às dinâmicas sociais que se processam em cada espaço-tempo”, as autoras explicam a comunidade não como um lugar específico, mas como uma nomeação dada a um lugar no qual as pessoas convivem em alteridade. Da percepção de Costa e Brandão (2005), a definição de comunidade encontra-se na compreensão dos indivíduos conviventes a partir das suas relações, em uma conexão direta entre o individual e o coletivo. Deste modo, comunidade engloba amplitude relacional com pluralidade de possibilidades de violências, afastando-se dos objetivos desta pesquisa que busca estudar a violência doméstica contra a mulher cometida pelo agressor do sexo masculino.

O desenvolvimento da pesquisa de Habilidades Sociais de Homens Agressores trouxe como consequência a “violência doméstica não relacionada a homem – mulher”, que se aplicou como critério de exclusão, pois ofertou títulos nos quais o foco do estudo esteve dirigido a violência doméstica em toda sua totalidade. Conforme a BVS (2015), a violência doméstica é estabelecida como: “abuso deliberado físico, verbal e/ou de outro tipo por um ou mais membros contra outros membros de um lar”. Um lar é composto por uma gama de possibilidades, portanto os títulos excluídos fizeram jus à violência doméstica voltada a outros

membros do lar, exonerando a violência contra a mulher exclusivamente praticada pelo homem.

Ao ratificar os objetivos desta pesquisa de Habilidades Sociais de Homens Agressores, coube como critério de exclusão a representação feminina como vítima de violência doméstica, pois se traduz como a exposição impessoal de experiências vividas por mulheres vítimas de violência. Diferente dos relatos, esta não é uma descrição direta da pessoa que viveu uma situação violenta, mas uma análise realizada por terceiros.

Considerando as informações apresentadas anteriormente, a definição do dicionário Dicio (2020) da palavra “representação”, se obtém como resultado a clarificação desta como o ato de representar através de exposição ou exibição. Sendo assim, foram descrito nos títulos excluídos a partir deste critério, a perspectiva feminina excluindo considerações a respeito do agressor, métodos de modificação e prevenção da violência doméstica contra a mulher e conteúdos acerca de habilidades sociais.

Ainda dos critérios de exclusão na pesquisa de habilidades sociais está a violência por parceiro íntimo, este sistema exclui toda forma de manifestação violenta exercida em relacionamento heteroafetivo contra a mulher. Moreira e Ceccarelli (2016), define a violência por parceiro íntimo (VPI) como “um termo que permite inferir que há múltiplas faces no fenômeno da violência compreendida nas relações de intimidade, podendo abranger tanto as relações hetero como as homossexuais”. Cabe ressaltar que a violência também é praticada por mulheres. Assim, pensando nos objetivos desta pesquisa foram excluídos produções envolvendo violência por parceiro íntimo fora do objetivado por esta pesquisa, neste caso homem – mulher, oriundos de um relacionamento heterossexual.

TABELA 1. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Fora do padrão doméstico	78
Lilacs		7
Ibecs		4
Index Psicologia		2
Paho Iris		1
BDENF		0
Google acadêmico		24
Total		92

FONTE: Própria

A tabela 1, apresentou o banco de dados Medline em primeira colocação referente ao critério de exclusão violência fora do padrão doméstico na pesquisa de habilidades sociais,

com precisamente 78 composições. Em contrapartida, o banco de dados BDENF não ofertou nenhuma pesquisa, se colocando em última posição. Assim como as demais tabelas, esta é composta por seis bancos de dados, na investigação das pesquisas disponibilizadas por estes, foi possível perceber grande variedade de títulos em língua estrangeira, enquanto que por outro lado, foi obtida uma baixa quantidade na língua portuguesa, onde estes portavam conteúdos direcionados a violência doméstica já omitida, e não em relação à prevenção dela.

TABELA 2. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Vítimas de crime	32
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		32

Fonte: Própria

A tabela 2, apresentou 32 pesquisas envolvendo o critério de exclusão vítimas de crime, novamente dentre os seis bancos de dados disponíveis na tabela, a Medline se destacou com o maior número de títulos. Em relação aos demais, todos não ofertaram nenhuma pesquisa pertinente a este critério. Diferente da tabela anterior, esta não apresentou pesquisas em língua portuguesa.

TABELA 3. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Relatos de violência na percepção feminina	11
Lilacs		2
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		13

Fonte: Própria

A tabela 3, comporta em seus resultados o total de 13 pesquisas referentes ao critério de exclusão, relatos de violência na percepção feminina. Comparando com os demais bancos de dados, a Medline teve a primeira colocação em relação ao número de pesquisas com 11

títulos, subsequente a ela, o Lilacs com 2 trabalhos, enquanto que os demais não apresentaram nenhum resultado no presente critério de exclusão da pesquisa de habilidades sociais de homens agressores. Como observado na tabela 1, esta também apresentou baixa quantidade pesquisas em língua portuguesa.

TABELA 4. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Agressão no contexto comunitário	17
Lilacs		0
Ibecs		3
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		1
BDENF		0
Google acadêmico		26
Total		47

Fonte: Própria

Na tabela 4, se obteve como resultado da pesquisa de habilidades sociais de homens agressores, 47 pesquisas relativas ao critério de exclusão agressão no contexto comunitário. No que diz respeito à tabela, dos bancos de dados acessados o Google Acadêmico se destacou quantitativamente na exposição de pesquisas, apresentando um total de 26 publicações, em contrapartida os bancos de dados Index Psicologia, Paho Iris e o BDENF empataram na última colocação, não apresentando nenhum resultado. Vale destacar que a investigação dos estudos proporcionados pela presente tabela evidenciou a ausência de pesquisas na língua portuguesa.

TABELA 5. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência doméstica não relacionada a homem – mulher	23
Lilacs		7
Ibecs		1
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		31

Fonte: Própria

A tabela 5, evidenciou 31 pesquisas relacionadas ao critério de exclusão violência doméstica não relacionada a homem-mulher, destes títulos à maioria é de procedência do banco de dados Medline, enquanto que a minoria se deve a junção dos bancos de dados Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nascional, BDENF e Google Acadêmico que não apresentaram nenhum resultado. Como observado nas tabelas anteriores, esta também obteve uma baixa quantidade em pesquisas nacionais.

TABELA 6. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Representação feminina como vítima de violência	0
Lilacs		4
Ibecs		1
Index Psicologia		1
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		3
Google acadêmico		0
Total		9

Fonte: Própria

Analisando a tabela 6, se entende como primeiro colocado na maior disponibilização de pesquisas, o banco de dados Lilacs, por outro lado, os bancos de dados Medline, Paho Iris, Peru Nacional e Google Acadêmico não obtiveram resultados na oferta de publicações. Em comparação com as demais tabelas relativas a palavra-chave habilidades sociais violência, esta foi a que menos apresentou resultados na oferta de trabalhos.

TABELA 7. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Habilidades Sociais Violência.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência por parceiro íntimo	14
Lilacs		1
Ibecs		1
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		16

Fonte: Própria

A tabela 7, totalizou 16 pesquisas, com o maior resultado decorrente do banco de dados Medline. Os bancos de dados Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nacional, BDENF e Google Acadêmico não apresentaram nenhum resultado. Assim como a tabela 4, a presente tabela não apresentou publicações na língua portuguesa.

TABELA 8. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: **Agressividade masculina**

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Fora do padrão doméstico	185
Lilacs		4
Ibecs		5
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		34
Total		228

Fonte: Própria

A análise da tabela 8, traz como resultado 228 pesquisas listadas ao critério de exclusão violência fora do padrão doméstico na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores, considerando a palavra chave agressividade masculina. O banco de dados Medline se destacou em resultados na disponibilização de 185 estudos, os bancos de dados Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não obtiveram resultados nesta pesquisa.

TABELA 9. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: **Agressividade masculina**

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Agressão no contexto comunitário	88
Lilacs		2
Ibecs		2
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		13
Total		105

Fonte: Própria

Ao analisar os frutos da tabela 9, se obteve acesso a 105 pesquisas referentes ao critério de exclusão agressão no contexto comunitário, tendo em vista a palavra-chave agressividade masculina na pesquisa de habilidades sociais. O banco de dados destaque na

presente tabela foi o Medline com 88 títulos, em oposição a este, os bancos de dados Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não apresentaram resultados.

TABELA 10. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Agressividade masculina

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência doméstica não relacionada a homem – mulher	10
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		10

Fonte: Própria

Examinando a tabela 10, se constata a apresentação de 10 resultados pertencentes ao critério de exclusão violência doméstica não relacionada a homem-mulher na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores, cujos pertencem exclusivamente ao banco de dados Medline, ao passo que os demais não exibiram respostas.

TABELA 11. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Agressividade masculina

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Vítimas de Crime	7
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		7

Fonte: Própria

Considerando os dados da tabela 11, os resultados obtidos em relação ao critério de exclusão vítimas de crimes na pesquisa de habilidades sociais se resumem a 7, os quais são frutos unicamente do banco de dados Medline, a medida que os demais apresentaram ausência de resultados.

TABELA 12. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Agressividade masculina

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Representação feminina como vítima de violência	3
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		1
Total		4

Fonte: Própria

A tabela 12, na pesquisa de habilidades sócias de homens agressores a partir da palavra chave agressividade masculina trouxe como resultado 4 publicações relativas ao critério de exclusão representação feminina como vítima de violência. O maior fornecedor das pesquisas apresentadas nesta tabela foi o banco de dados Medline com 3 títulos, em contraparte, os bancos de dados Lilacs, Ibecs, Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não obtiveram resultados.

TABELA 13. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Agressividade masculina

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Relatos de violência na percepção feminina	2
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		2

Fonte: Própria

Observando a tabela 13, se encontram 2 pesquisas pertinentes ao critério de exclusão relatos de violência na percepção feminina, cujos pertencem ao banco de dados Medline. Considerando as demais tabelas equivalentes a palavra-chave agressividade masculina, a tabela 13, se encontra em última colocação no fornecimento de pesquisas.

TABELA 14. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Agressividade masculina

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência por parceiro íntimo	3
Lilacs		0

Ibecs	0
Index Psicologia	0
Paho Iris	0
Peru Nascional	0
BDENF	0
Google acadêmico	0
Total	3

Fonte: Própria

Na tabela de número 14, são apresentados 3 pesquisas relativas ao critério de exclusão vítimas de crimes na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores, as quais são advindas do banco de dados Medline, ambos os demais não apresentaram resultados.

Total = 311 títulos através da palavra chave: Agressividade Masculina, sendo 298 pertencentes à base de dados Medline, seis ao Lilacs e 7 ao Ibecs.

TABELA 15. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Déficit Habilidades sociais

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Fora do padrão doméstico	60
Lilacs		6
Ibecs		4
Index Psicologia		4
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		44
Total		118

Fonte: Própria

A tabela 15, apontou 118 pesquisas relacionadas ao critério de exclusão violência fora do padrão doméstico provenientes da palavra-chave déficit habilidades sociais. O maior resultado apresentado se deve ao banco de dados Medline, por outro lado os bancos de dados Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não obtiveram resultados.

TABELA 16. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Déficit Habilidades sociais

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Agressão no contexto comunitário	0
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0

Google acadêmico	5
Total	5

Fonte: Própria

Na descrição da tabela 16, são apontadas a exibição de 5 pesquisas considerando o critério de exclusão agressão no contexto comunitário na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores, os quais são decorrentes do banco de dados Google Acadêmico, em contrapeso aos demais que não exibiram nenhum resultado.

TABELA 17. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Déficit Habilidades Sociais

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência doméstica não relacionada a homem - mulher	1
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		1

Fonte: Própria

Ao detalhar a tabela 17, é contabilizado a existência de uma pesquisa relacionada ao critério de exclusão violência doméstica não relacionada a homem-mulher, visto que esta pertence ao banco de dados Google Acadêmico ambos os demais não manifestaram resultados. Em comparação com as tabelas referente a palavra-chave déficit habilidades sociais, a presente tabela expos menor número de pesquisas.

TABELA 18. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Assertividade comportamental.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência fora do padrão doméstico	19
Lilacs		4
Ibecs		2
Index Psicologia		2
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		45
Total		72

Fonte: Própria

A tabela 18, faz referência a palavra-chave assertividade comportamental na pesquisa de habilidades sociais, esta apresentou 72 pesquisas equivalentes ao critério de exclusão violência fora do padrão doméstico. Na contabilização do número de pesquisas referente a esta tabela, observou-se a ausência títulos em razão dos bancos de dados Paho Iris, Peru nacional e BDENF, por outro lado, o banco de dados destaque foi o Google Acadêmico que disponibilizou 45 publicações.

TABELA 19. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Assertividade comportamental.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência no contexto comunitário	2
Lilacs		1
Ibecs		5
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		3
Total		11

Fonte: Própria

A tabela 19, trouxe 11 resultados pertinentes ao critério de exclusão violência no contexto doméstico da pesquisa de habilidades sociais de homens agressores, dos quais a maior quantidade é resultado do banco de dados Google Acadêmico. Os bancos de dados Paho Iris, Peru nacional, BDENF e Index Psicologia não obtiveram respostas.

TABELA 20. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Assertividade comportamental.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Representação feminina como vítima de violência	0
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		1
Total		1

Fonte: Própria

A descrição da tabela 20, conta com a exposição do banco de dados Google Acadêmico como único fornecedor da pesquisa referente ao critério de exclusão representação

feminina como vítima de violência. Considerando a exibição de apenas uma pesquisa, logo se entende que os demais bancos de dados não apresentaram resultados.

TABELA 21. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Origem Violência doméstica.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência fora do padrão doméstico	0
Lilacs		15
Ibecs		0
Index Psicologia		8
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		15
Total		38

Fonte: Própria

Examinando os dados da tabela 21, correspondente ao critério de exclusão violência fora do padrão doméstico, na pesquisa de habilidade sociais o uso da palavra-chave origem violência doméstica se obteve trouxe como resultado 38 títulos, sendo que os bancos de dados Lilacs e Google Acadêmico forneceram igualmente a maior quantidade de pesquisas. Por outro lado os bancos de dados Medline, Ibecs, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não disponibilizaram publicações.

TABELA 22. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Origem Violência doméstica.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência em contexto comunitário	1
Lilacs		8
Ibecs		0
Index Psicologia		1
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		19
Total		29

Fonte: Própria

A análise da tabela 22, traz um total de 29 pesquisas referente ao critério de exclusão violência em contexto doméstico da pesquisa de habilidades sociais a partir da palavra-chave origem violência doméstica. O banco de dados Google Acadêmico expressou o maior número de obras publicadas, assim como na tabela anterior, os bancos de dados Medline, Ibecs, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não apresentaram publicações.

TABELA 23. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: origem violência doméstica

Banco de Dados	CrITÉrios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência doméstica não relacionada a homem – mulher	0
Lilacs		6
Ibecs		0
Index Psicologia		5
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		8
Total		19

Fonte: Própria

O número de obras apresentadas na tabela 23, soma-se a 19, decorrente do critério de exclusão violência doméstica não relacionada a homem – mulher realizada a partir da exploração da palavra-chave “origem violência doméstica” na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores. O banco de dados Google Acadêmico se destacou em relação à disponibilização de manuscritos para desenvolvimento desta tabela, visto que cinco dos seis bancos de dados contabilizadas não manifestaram resultados, enquanto que os outros dois apresentaram resultados abaixo dos consequentes do Google.

TABELA 24. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Origem violência doméstica.

Banco de Dados	CrITÉrios de Exclusão	Quantidade
Medline	Representação feminina como vítima de violência	0
Lilacs		3
Ibecs		0
Index Psicologia		2
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		8
Total		13

Fonte: Própria

Os resultados da tabela 24, trouxeram 13 obras publicadas em razão do critério de exclusão “representação feminina como vítima de violência” a partir da palavra chave “origem violência doméstica” na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores. Assim como na tabela 23, o banco de dados Google acadêmico se destacou quantitativamente

no fornecimento de pesquisas, enquanto outros cinco bancos de dados não obtiveram êxito, e dois apresentaram uma quantidade de títulos abaixo da apresentada pelo Google Acadêmico.

TABELA 25. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: Origem violência doméstica.

Banco de Dados	CrITÉRIOS de ExclusÃO	Quantidade
Medline	Relatos de violência na percepção feminina	0
Lilacs		1
Ibecs		0
Index Psicologia		1
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		1
Total		3

Fonte: Própria

A análise da tabela 25, pertencente ao critério de exclusão “relatos de violência na percepção feminina” decorrente da palavra chave “origem violência doméstica” em comparação com as demais envolvendo tal palavra-chave, apresentou esta como a tabela com menor número de pesquisas, com um total de 3 títulos, onde foram disponibilizados igualmente pelos bancos de dados Lilacs, Index Psicologia e Google Acadêmico, que somando totalizam os três trabalhos. Em contrapartida os bancos de dados Medline, Ibecs, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não apresentaram resultados.

TABELA 26. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: violência masculina assertividade.

Banco de Dados	CrITÉRIOS de ExclusÃO	Quantidade
Medline	Violência fora do padrão doméstico	10
Lilacs		1
Ibecs		1
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
Cumed		1
BDENF		0
Google acadêmico		11
Total		24

Fonte: Própria

A tabela 26, referente ao critério de exclusão “violência fora do padrão doméstico” trouxe como resultado 24 pesquisas decorrentes da palavra-chave “violência masculina assertividade”. Dos resultados obtidos, o maior número se deve ao banco de dados Google

Acadêmico. Na observação desta tabela se entende que os bancos de dados Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nascional e BDENF não apresentaram nenhum manuscrito.

TABELA 27. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: violência masculina assertividade.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência em contexto comunitário	8
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		22
Total		30

Fonte: Própria

A análise da tabela 27, permite acesso a um total de 30 pesquisas pertencentes ao critério de exclusão “violência em contexto comunitário”, a partir da palavra-chave “violência masculina assertividade” na pesquisa de habilidades sociais de homens agressores. De maneira geral, o banco de dados Google Acadêmico se destacou em relação ao fornecimento de obras publicadas, enquanto que os bandos de dados Lilacs, Ibecs, Index Psicologia, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não disponibilizaram publicações.

TABELA 28. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: violência masculina assertividade.

Banco de Dados	Crítérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Relatos de violência na percepção feminina	4
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		1
Paho Iris		0
Peru Nascional		0
BDENF		0
Google acadêmico		0
Total		5

Fonte: Própria

Examinando a tabela 28, se nota a existência de 5 pesquisas em resultado do critério de exclusão “relatos de violência na percepção feminina” decorrente da palavra-chave “violência masculina assertividade”. O número total de pesquisas contou com o seu fornecimento por apenas dois banco de dados, onde sua maioria foi resultante do banco de

dados Medline, enquanto que o banco de dados Index Psicologia forneceu apenas uma pesquisa, e os demais não apresentaram resultados.

TABELA 29. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: violência masculina assertividade.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência não relacionada a homem - mulher	2
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		1
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		12
Total		15

Fonte: Própria

Ao explorar a tabela a tabela 28, se observa a obtenção de 15 pesquisas pertinentes ao critério de exclusão “violência não relacionada homem – mulher”, a partir da palavra-chave “violência masculina assertividade”. A tabela aponta que o banco de dados Google Acadêmico se destacou quantitativamente em relação a maior disponibilização de publicações, por outro lado os bancos de dados Lilacs, Ibecs, Paho Iris, Peru Nacional e BDENF não obtiveram alcance a obras publicadas.

TABELA 30. Artigos excluídos por banco de dados através da palavra chave: violência masculina assertividade.

Banco de Dados	Critérios de Exclusão	Quantidade
Medline	Violência por parceiro íntimo	0
Lilacs		0
Ibecs		0
Index Psicologia		0
Paho Iris		0
Peru Nacional		0
BDENF		0
Google acadêmico		1
Total		1

Fonte: Própria

A observação da tabela 29, traz como resultado do critério de exclusão “violência por parceiro íntimo”, decorrente da palavra-chave “violência masculina assertividade” um total de 1 pesquisa advinda do banco de dados Google Acadêmico. Deste modo, se considera a presente tabela, com um menor número de resultados relativos à palavra chave em questão, visto que os demais banco de dados não disponibilizaram títulos.

3.2 Resultados com critério de inclusão

QUADRO 1: Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Google acadêmico	Violência doméstica assertividade	Murta et al	2016	Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro / Effects of a Dating Violence Prevention Program / Efectos de un Programa de Prevención de la Violencia en el Noviazgo	O estudo avaliou os efeitos de uma intervenção para prevenção à violência no namoro a partir de 45 adolescentes. A intervenção compreendeu nove sessões focadas em informações sobre violência no namoro, tais como habilidades sociais, tomada de decisão, papéis de gênero, direitos sexuais e reprodutivos e empoderamento.	As análises evidenciaram redução de crenças que apoiam restrição emocional como característica masculina. Apesar da não obtenção de mudanças significativas relativas ao enfrentamento da violência e regulação emocional, as avaliações qualitativas evidenciaram a prática extra sessão de habilidades de autocontrole e expressão emocional, assertividade e empatia.

Fonte: Própria (2020).

Este artigo sugere a inclusão de habilidades sociais na resolução de conflitos e habilidades sociais para regulação das emoções, como possíveis soluções para prevenção da violência doméstica. Ainda sugerem, a correlação entre os estudos preventivos a violência e o déficit de habilidades sociais, como responsável direto na perpetração da violência doméstica. Conforme explica as autoras:

“Evidências consistentes indicam que a exposição à violência intrafamiliar e a conflitos interparentais favorecem o desenvolvimento de apego inseguro, ensinam por modelação o uso de estratégias negativas de resolução de conflitos e impedem o aprendizado de habilidades de regulação das emoções (Murta Et al Apud Creasey, 2002; Kinsfogel & Grych, 2004; Kim, Pears, Capaldi, & Owen, 2009; Riggs, Cusimano, & Benson, 2011)”.

Tendo isto, cabe entendimento que a experiência violenta na família tende a resultar em comportamento desadaptativo e violento nas relações interpessoais, como também em

ações impulsivas, instabilidade emocional, déficit de habilidades e dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis.

O desenvolvimento desta pesquisa dispôs de uma população amostra de 45 adolescentes, com idades entre 15 a 17 anos, ambos estudantes de uma escola pública de Brasília. A avaliação partiram dos instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Sentenças Incompletas acerca de Intenção de Enfrentamento à Violência no Namoro, Escala de Dificuldades de Regulação das Emoções, Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes, Instrumento de Avaliação de Dose Recebida e Escala de Satisfação com a Sessão. Ocorreram o total de 9 encontros com duração de 80 minutos, e foram conduzidas grupalmente em horário de aula, por três facilitadores.

O artigo também volta o olhar para fatores culturais como a ideologia de masculinidade, onde o homem é tido como portador do “controle emocional”, de modo que não expressa emoções, possui dureza emocional ao ponto de não sentir dores e não precisar de ajuda, além de ser autossuficiente. Deste modo, o autor associa tais construções ideológicas com a aceitação da violência nas relações íntimas, enquanto que a omissão das emoções danifica o desenvolvimento das habilidades sociais de empatia e auto expressão emocional, e em consequência favorece relacionamentos disfuncionais.

QUADRO 2: Critério de inclusão

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Lilacs	Violência domestica	LaMote et al	2016	Social skills deficits as a mediator between PTSD symptoms and intimate partner aggression in returning veterans.	Este estudo examinou déficits de habilidades sociais como um mediador da relação entre pós-traumático sintomas de transtorno de estresse (PTSD) e uso de agressão pelo parceiro íntimo (IPA). A pesquisa contou com 92 homens veteranos na area metropolitana de Boston, as avaliações contaram com entrevista clinica, relato próprio e de parceiro e uma tarefa de laboratório onde os participantes responderam a como reagiriam em determinadas situações	As correlações bivariadas revelaram várias associações significativas entre sintomas de PTSD, déficits de habilidades sociais e uso de IPA. todos os sintomas de PTSD os grupos foram inseridos em uma regressão que prevê déficits de habilidades sociais, apenas entorpecimento emocional emergiu como um

					conjugais. As respostas foram codificadas para competencia social.	preditor único. Finalmente, os déficits de habilidades sociais mediaram significativamente a relação entre os sintomas de PTSD dos veteranos e o uso de agressão por parceiro íntimo (IPA) psicológico, mas não físico.
--	--	--	--	--	--	---

Fonte: Própria (2020).

Esta pesquisa abordou o déficit de habilidades sociais intermediador da violência por parceiro íntimo (IPA), e sua correlação com o transtorno de estresse pós-traumático. A análise das habilidades sociais nesta pesquisa se concentrou no uso desta na fase de decisão, as examinando como um fator explicativo no relacionamento entre os sintomas de PTSD de veteranos e o uso de IPA.

Estas habilidades são explicadas no artigo como uma série de etapas, onde respostas a estímulos ou tarefas situacionais são consideradas competentes ou incompetentes. Na primeira fase estão as habilidades de decodificação, onde as informações são recebidas, percebidas e interpretadas, na segunda estão às habilidades de decisão, onde ocorre a busca por possíveis respostas, e a terceira chamada codificação, este processo envolve a execução da resposta e o monitoramento entre os efeitos pretendidos e observados. Estas etapas podem ser facilmente influenciadas por alguém, ou por histórico de aprendizagem.

O presente estudo investigou os efeitos colaterais do déficit de habilidades em alguma dessas etapas, foi constatado que a atribuição hostil em alguma fase deste processo tende resultar em maior geração e seleção de respostas agressivas. Combinado com o transtorno de estresse pós-traumático, o desapego e a falta de emoções devem contribuir na seleção de respostas negativas, podendo levar o indivíduo a selecionar a primeira resposta gerada sem avaliação desta.

Neste estudo foi fundamentado o déficit de habilidades sociais na fase de decisão, cabe ressaltar que a pesquisa foi realizada em um grupo de veteranos de guerra, portanto é possível que houveram modificações em seus sistemas de processamento de convivência social. A

pesquisa foi realizada a partir de 92 homens veteranos de guerra, recrutados na área de Boston, ambos casados ou amasiados por no mínimo 6 meses, e foram expostos a alguma forma de combate.

Dos resultados obtidos, houve a comprovação dos déficits de habilidades sociais como mediadores entre os sintomas de estresse pós-traumático e o uso de agressão por parceiro íntimo na modalidade psicológica. Os sintomas de estresse pós-traumático não apresentaram relação significativa com o uso de IPA. As autoras explicam que, “praticar habilidades de comunicação específicas, como escuta ativa e expressão emocional podem neutralizar déficits no estágio de decisão, desenvolvendo o repertório de alguém para respostas úteis e não agressivas aos desafios de relacionamento”. (LaMotte et al Apud Taft et al., em pressione).

QUADRO 3: A Violência Conjugal e as Experiências na Família de Origem.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Lilacs	Violência doméstica	Patrícia Manozo Colossi, Aline Riboli Marasca e Denise Falcke.	2015	De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem / Generation by generation: marital violence and experiences in the family of origin / De generación en generación: la violencia conjugal y las experiencias en la familia de origen	Esta pesquisa teve como objetivo identificar possíveis associações entre a violência conjugal e as experiências na família de origem e sua influência na prática da violência. O estudo contou com 300 sujeitos, e as avaliações partiram de dois questionários de dados sociodemográficos, o Family Background Questionnaire e a Revised Conflict Tactics Scales.	Os resultados demonstraram dados expressivos de violência conjugal e a correlação significativa com as experiências na família de origem.

Fonte: Própria (2020).

O artigo em questão busca estudar os aspectos transgeracionais familiares e a relação na execução da violência, bem como a relevância do tema em questão. As autoras explicam a

necessidade do preparo profissional na intervenção da violência doméstica, visto que no Brasil a estimativa é que entre 26% e 34,5% das mulheres sofrem violência física ou sexual por parceiros íntimos. (Colossi, Marasca e Falcke APUD Bruschi, Paula, & Bordin, 2006; Lamoglia & Minayo, 2009; Miranda, Paula, & Bordin, 2010; Vieira, Perdona, & Santos, 2011).

É evidenciado no artigo que o acesso a informação referente à violência geralmente acontece por meio de denúncias, o que indica que a violência já ocorreu, de modo a entender a ausência de facilitação ao acesso a conteúdos preventivos. É demonstrado ainda no artigo a carência de propostas de intervenção envolvendo o casal, visto que a compreensão da relação permite entender que a participação de ambos contribuem em algum ponto para a configuração e manutenção da violência conjugal.

A leitura deste disponibiliza entendimento acerca das influências das experiências vividas na família, demonstrando que durante a fase de aprendizagem, se experienciado períodos de violência, é muito provável que haja repetições dos padrões. Outro fator contribuinte para a prática da violência é a cultura patriarcal, cuja propõe o homem como ditador do poder, além de diversos outros fatores referente a problemas comunitários, como o uso de álcool e drogas e aspectos sociais. Como aponta Colossi, Marasca e Falcke (2015) as experiências violentas vividas na família não afeta apenas relacionamentos amorosos, “mas também em outros contextos, legitimando a violência como estratégia de resolução de conflitos nas mais diversas situações”.

Este estudo foi desenvolvido com uma população amostra de 300 pessoas, sendo 150 homens e 150 mulheres casados ou em união estável, todos pertencentes a região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As idades variavam entre 19 a 81 anos de idade, com tempo de união de 6 meses a 56 anos. Os participantes foram inseridos no estudo por meio de indicação, e os instrumentos para coleta foram o Questionário de dados sociodemográficos, Family Background Questionnaire (FBQ) e Revised Conflict Tactics Scales (CTS2).

Dos resultados obtidos a partir da pesquisa, se observou a família como contribuinte na perpetração da violência, uma vez que seja a partir dela o primeiro contato e desenvolvimento das relações interpessoais, são obtidas em consequência desta experiência as ferramentas necessárias para o estabelecimento de relações saudáveis.

QUADRO 4: Preditores da violência física conjugal: características pessoais e relacionais.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Lilacs	Violência doméstica	Karla Rafaela Haack, Juliana Pressile Denise Falcke	2018	Predictors of marital physical violence: personal and relational characteristics / Preditores da violência física conjugal: características pessoais e relacionais / Predictores de violencia física conyugal: características personales y relacionales	Este estudo verificou a influência da experiência na família de origem, esquemas iniciais desadaptativos, amor, ajustamento conjugal e clima familiar para a prática da violência conjugal. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma amostra de 186 homens e 186 mulheres com idades entre 19 e 81 anos. A avaliação partiu de instrumentos pelos quais mediram informações gerais, família de origem (FBQ), esquemas desadaptativos (IEDs), amor (ETAS), ajustamento conjugal (DAS), clima familiar (ICF) e conflitos conjugais (CTS2).	Os resultados evidenciaram associação entre as variáveis estudadas. As variáveis conflito familiar e abuso sexual na infância foram preditoras da violência física cometida pelas mulheres, enquanto que a insatisfação conjugal foi a variável preditora da violência conjugal cometida pelos homens. Foi possível constatar quanto o fenômeno da violência em relacionamentos íntimos é multideterminado, exigindo atenção dos profissionais da saúde.

Fonte: Própria (2020).

Este estudo aborda como pressuposto básico a violência doméstica e sua relação com as experiências na família de origem e os esquemas desadaptativos. As autoras explicam que até o momento pesquisado, as ações contra a violência doméstica se baseavam na punição carcerária do agressor e programas de apoio direcionados às vítimas, entretanto pesquisas atuais evidenciam o fenômeno da violência como bidirecional, ou seja, cometido por ambas as partes da relação conjugal. A seguir, a leitura são pontuados alguns fatores de risco na prática de violência doméstica estudados pelas autoras, dentre eles as experiências na família de origem, regimes iniciais não adaptativos, psicopatologias, ciúmes, dinâmica conjugal e o uso de álcool e drogas.

Em relação às experiências violentas na família de origem, é descrito na pesquisa que estas devem influenciar nos futuros relacionamentos interpessoais do indivíduo, além de influenciar no desenvolvimento dos esquemas desadaptativos, trazendo danos funcionais no

estabelecimento das relações. Outra discussão do artigo foram as características do relacionamento conjugal, com ênfase nos padrões de afeto, segundo os conteúdos do artigo, o amor é um recurso importante para a resolução de conflitos, além de estar ligado diretamente na satisfação conjugal, que por sua vez também é considerado um fator de risco relativo a violência.

Este estudo teve caráter quantitativo explicativo, contou com uma população amostra de 372 pessoas, sendo 186 homens e 186 mulheres residentes em Porto Alegre. Ambos os pesquisados eram casados ou permaneceram em relacionamentos de até 56 anos, com idades entre 19 e 81 anos. Dos instrumentos utilizados estão o Questionário de dados sociodemográficos, Subescalas das questões de antecedentes familiares - questionário FBQ, Questionário de Esquema Desadaptativo Jovem – YSQ, Escala Triangular do Amor – TLS, Escala de ajuste didático – DAS, Inventário de Clima Familiar – FCI e Escalas revisadas de táticas de conflito - CTS2.

A coleta de dados foi realizada individualmente na residência dos indivíduos, com o acompanhamento do investigador e durou cerca de duas horas por sessão. Dos resultados obtidos, não houve diferença significativa entre os sexos feminino e masculino na execução da violência. A violência praticada pela mulher foi prevista pelo abuso sexual cultivado na infância e a percepção de conflito em relações familiares, enquanto para os homens, estava relacionado à insatisfação conjugal. Foi constatado o impacto das experiências violentas na família de origem em relação a pratica de violência doméstica, em especial o abuso sexual. Não houve evidencias apontando associação entre paixão e violência o que exclui teorias de manutenção da violência em consequência do amor, mas foi comprovado que a satisfação conjugal diminui a possibilidade de violência.

QUADRO 5: Necessidades motivacionais de poder e assertividade específica .

Banco de dados	Crítérios de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Bireme	Violência domestica	Donald G. Dutton e Catherin e E. Strachan	1987	Motivational needs for power and spouse-specific assertiveness in assaultive and	Esta pesquisa se desenvolveu através de um estudo de comparação entre homens agressores a pessoas em	Os resultados pontaram que as imagens de estímulo relativas a relações ambíguas homem-mulher, os homens agressivos pontuaram necessidade de poder mais altas do que ambos os grupos de

				<p>nonassaultiv e men/ Necessidade s motivacionai s de poder e assertividade específica do cônjuge em homens agressivos e não agressivos.</p>	<p>conflito conjugal sem agressividade, e pessoas em um relacionamento satisfatório. A avaliação contou com Histórias de teste de percepção temática pontuadas para a necessidade de poder.</p>	<p>controle, mas não diferiram do grupo em conflito conjugal quanto à necessidade de poder. Os homens agressivos tinham menor especificidade do cônjuge e pontuação de assertividade. A análise baseada nos escores de necessidade de poder e assertividade classificaram corretamente os agressores de esposas e homens em conflito conjugal em 90% das vezes. O perfil resultante de homens agressivos era de um grupo com alta necessidade de exercer poder nas relações com as mulheres, mas sem recursos verbais para fazer. Foi hipotetizado que esta combinação de uma grande necessidade de energia e um déficit na habilidade verbal de gerar influência produz frustração crônica, o que pode aumentar o risco de violência quando combinado com outros fatores.</p>
--	--	--	--	---	---	--

Fonte: Própria (2020).

Esta pesquisa trouxe um estudo comparativo entre três grupos de casais, sendo eles 25 casais com histórico de violência cometida pelos homens, 25 casais em conflitos conjugais, mas sem agressão física e 25 casais neutros como um grupo de controle, o objetivo foi de identificar por meio das suas características os agressores, diferenciando-os dos demais. Os participantes com conflitos conjugais e histórico de violência foram solicitados a partir de um programa de aconselhamento conjugal, foram fornecidos a eles um controle de frequência. Os casais do grupo de controle foram requisitados via jornal e foram pagos pela participação.

A aplicação do teste TAT antecedeu as demais, a fim de reduzir os efeitos dos outros, foram apresentadas 5 laminas do teste, foram feitas orientações referente a análise desta e o uso da imaginação para sua descrição, acompanhado ao teste se contou com uma folha para fins de orientação contendo as seguintes perguntas: “O que está acontecendo? Quem são as pessoas? O que levou a essa situação? Ou seja, o que aconteceu no passado? O que é sendo

pensado? O que é desejado? Por quem? (d) O que vai acontecer? O que será feito?”. Todo o procedimento durou cerca de 30 minutos. A assertividade verbal foi medida pela Assertividade Específica do Cônjuge (SSA), composta por 18 itens subescala e uma subescala de agressão verbal de 9 itens. Também foi utilizado o sistema de pontuação de Winter (1973), permitindo a pontuação dos resultados dos testes.

Dutton e Strachan (1987) explicam acerca das possíveis falhas na pesquisa, dentre elas se encontra a questão das máscaras sociais, pois quando o indivíduo pesquisado entende que o seu comportamento violento não é aprovado é possível que ele encontre meios de sabotar a coleta de dados, como é denominado pelos autores, é uma tentativa de administrar sua imagem.

Considerando as informações acima foi sugerido no artigo que não haja pistas em relação ao assunto pesquisado. Em relação à aplicação do teste TAT, as histórias foram direcionadas para imagens violentas em resposta a cenas programadas para afiliação, de realização e de motivação de poder, os homens apresentaram maior incidência em imagens violentas, exclusivamente a imagens contendo cenas de homens e mulheres juntos, sendo estas as cenas de afiliação. As mulheres apresentaram maior incidência em cenas de realização, onde a violência era descrita em imagens contendo pessoas em ambiente de trabalho. Esta análise traz a percepção de que o alerta de perigo das mulheres está direcionado ao trabalho, enquanto que para os homens é o relacionamento.

Os autores discutem sobre uma cena em que ocorre mudanças no relacionamento entre o casal e o homem parecia ser incapaz de gerar verbalmente um controle sobre a parceira. Ao observar esta cena os homens agressores demonstraram significativas pontuações de raiva e ansiedade. Com isto os autores explicam que os homens tendem a exercer um controle exagerado nas relações conjugais, quando as habilidades de comunicação falham emerge um estado de raiva e ansiedade.

O TAT também serviu como recurso para avaliar questões emocionais, como a necessidade de poder masculina, o artigo fala sobre essa necessidade de poder em homens de classe média ser substituída por prestígio, de forma que eles possam manter o equilíbrio e expressar ainda sim, os seu poder enquanto homens de forma socialmente aceitável, já em homens de classe inferior a expressão desta necessidade está nos atos do dia a dia, como gritos no trânsito, quebra de objetos ou ofensas. Cabe ressaltar que os autores evidenciam que no ambiente familiar onde não há necessidade de máscaras sociais e a necessidade de poder se iguala entre as diferentes classes sociais. Os homens com alta pontuação de necessidade de

poder preferem parceira dependentes, foi observado nesta pesquisa que estes homens acabam por desencorajar suas parceiras a seguirem uma carreira, de modo a perpetrar seu poder sobre elas.

Das conclusões obtidas a partir deste estudo, se pôde entender que a necessidade do poder masculino não necessariamente pode produzir por si só um comportamento violento, mas combinado com déficit das habilidades de comunicação deve causar frustração no relacionamento, e em alguns casos o homem aprende a responder estas frustrações com agressões. A pesquisa demonstrou que os casais que vivenciaram a violência apresentaram menor habilidade verbal e assertividade que os casais do grupo controle. Foi observado que déficit de assertividade, problemas de comunicação e necessidade de poder masculino são fatores de risco na ocorrência da violência contra a mulher.

É sugerido como possível tratamento para homens agressores segundo o artigo o treinamento de assertividade como determinante no controle da raiva, como também melhoria nas habilidades de comunicação, e em caso de grande necessidade de poder masculino, é sugerido a necessidade de redefinir o poder no relacionamento.

QUADRO 6: Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Lilacs	Violência domestica	Ricardo da Costa Padovani e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams	2011	Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira / Parental style in families of origin and anxiety among batterers	Este estudo investigou o estilo parental da família de origem do agressor conjugal e o nível de ansiedade de tal homem, comparando-os com dados de homens não agressores de idade, nível sócio-econômico, escolaridade e estado civil semelhantes. A amostra foi constituída por 20 agressores conjugais e 20 não agressores. Os instrumentos utilizados foram: Roteiro de Entrevista Individual Semi-Estruturada da Família de Origem do Agressor, Inventário de Estilos Parentais e o Inventário de	Pode-se sugerir que a ansiedade, quando combinada com práticas parentais inapropriadas na família de origem, contribua para a agressão do parceiro íntimo. Futuros estudos com amostras maiores poderiam fortalecer tal relação.

					Ansiedade Beck (BAI). Os grupos não se diferenciaram estatisticamente no que se refere à idade, escolaridade, renda e estado civil. Os grupos se diferiram estatisticamente nas duas variáveis analisadas: estilo parental de origem e ansiedade.	
--	--	--	--	--	---	--

Fonte: Própria (2020).

O presente artigo trouxe como discussão o estilo parental da família de origem do agressor conjugal e o nível de ansiedade neste. Os autores enfatizam as experiências decorrentes da família de origem do agressor como determinante nas relações de violência, de modo que a evidenciar os efeitos negativos dos conflitos no desenvolvimento da criança. Segundo os autores Padovani e Williams (2001) crianças que presenciam situações violentas tendem a desenvolver problemas cognitivos, emocionais e comportamentais, de maneira a comprometer o ajustamento psicossocial destas.

De acordo com os dados apresentados no artigo, no Brasil são poucos os serviços públicos especializados no atendimento ao agressor. Das características apresentadas pelo agressor conforme o artigo estão a negação ou minimização do ato de violência, estereótipos de papéis de gênero, externalização da culpa e baixa tolerância a discussões de ordem íntima. Outro fator influente é relativo às estereotipias de gêneros e crenças ultrapassadas sobre os papéis da mulher.

Foi notificado nesta pesquisa que um ambiente familiar repleto de exemplos violentos e agressivos, tende a gerar consequentemente comportamentos violentos e perfis agressivos, o que posteriormente resultará em um adulto com tais traços de personalidade e comportamentos tendenciosos a violência. Em relação a influência familiar acerca da ansiedade, esta relação é fruto do cuidado intensivo dos filhos por parte de pais ansiosos, impedindo o desenvolvimento de atividades que permitam a independência e autonomia, favorecendo o funcionamento emocional imaturo.

Participaram do estudo quarenta homens, sendo vinte com histórico de agressão à parceira e vinte não agressores, com aproximadamente a mesma idade, renda, nível educacional. Os instrumentos foram aplicados individualmente, em uma única sessão com duração de setenta minutos, e posteriormente foi realizada uma sessão para devolutiva. A coleta de dados ocorreu na Unidade Saúde Escola (Ambulatório de Saúde da Universidade),

na Delegacia de Defesa da Mulher de uma cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo. Dos instrumentos utilizados foram o Roteiro de Entrevista Individual Semi-Estruturada da Família de Origem, Inventário de Estilos Parentais – IEP e o Inventário de Ansiedade Beck (BAI).

Apesar das limitações da pesquisa em relação ao número de participante e conteúdos base para execução precisa da pesquisa relativa a homens agressores conjugais, os resultados apontaram a influência das experiências familiares durante a infância no desenvolvimento de perfis comportamentais agressivos, de modo que posteriormente deve ocasionar em um adulto violento com dificuldades de estabelecimento psicossocial saudável.

QUADRO 7: Violência conjugal: compreendendo o fenômeno.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
	Violência doméstica	Larissa Wolff da Rosa e Denise Falcke,	2014	Violência conjugal: compreendendo o fenômeno / Conjugal violence: understanding the phenomenon / La violencia conyugal: la comprensión del fenómeno	O objetivo do presente estudo foi compreender a dinâmica do relacionamento conjugal de casais em situação de violência, no que se refere à história da família de origem e do casamento, bem como as estratégias de resolução de conflitos que utilizam. Portanto foi realizado um estudo de casos múltiplos com três casais da região metropolitana de Porto Alegre. Os casais tinham entre 30 e 45 anos estando juntos há aproximadamente 18 anos, os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e da Revised Conflict Tactics Scale.	Os resultados revelaram que a violência esteve presente sob diferentes formas, sendo exercida por ambos os parceiros. Observou-se a existência de padrões conjugais que favoreciam a eclosão e a perpetuação da violência em seus relacionamentos, levando a identificar a necessidade de intervenções junto a casais em situação de violência conjugal.

Fonte: Própria (2020).

Rosa e Falcke (2014) trazem em seus estudos a análise da convivência em casais que vivenciam a violência, identificando as especificidades destes em relação à violência

conjugal. Na presente pesquisa foi adotado a expressão violência conjugal na busca por entender este fenômeno pela perspectiva relacional, de modo a entender o contexto em sua totalidade. As autoras explicam que apesar das experiências violentas na infância serem um fator de risco na prática da violência, esta não é um fator determinante para ocorrência destes comportamentos.

Um fator de destaque nesta pesquisa é a atenção voltada ao abuso na infância como contribuinte na perpetração da violência por parte dos homens, e da mesma forma para as mulheres vítimas de abuso na infância, o risco da prática da violência também deve aumentar, mas diferente dos homens, elas também podem assumir um papel de vítima mais facilmente. São pontuados alguns fatores que podem colaborar para uma situação conjugal violenta além das experiências da infância, tais como a personalidade dos envolvidos, características da relação como, por exemplo, as habilidades de comunicação e resolução de conflitos utilizadas entre si, como também o contexto em que o casal encontra-se inserido.

O presente artigo se pautou em uma abordagem qualitativa acerca de estudos de caso, onde contaram com a participação de três casais, de modo que sua seleção foi decorrente do sorteio entre os 750 entrevistados em uma pesquisa anterior realizada no Rio Grande do Sul a fim de mapear as relações conjugais, estes estavam entre os participantes apresentaram indicadores de violência. Dos instrumentos utilizados estão o Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) e a Entrevista semiestruturada. A análise dos dados contou com a Síntese de Casos Cruzados buscando semelhanças entre eles.

A exploração dos casos mostrou que a mulher apresentou maior percepção da violência que os homens, visto que elas assumiram seu papel tanto de vítima quanto de agressora, enquanto que os homens negaram sua participação. As autoras explicam que isto pode estar fundamentado nos estereótipos de gênero, uma vez que seja imposto aos homens o papel de agressivo e forte, prejudica o reconhecimento da necessidade de ajuda e sua inferioridade.

Dos resultados obtidos, a observação dos aspectos transgeracionais, a participação do casal na violência e suas interações e a utilização desta como forma de resolução de conflitos, mostrou que a violência é praticada duplamente no relacionamento conjugal, de modo que tanto o homem quanto a mulher possuem sua parcela de participação na manutenção desta. O estudo enfatiza a necessidade de análise ao casal, oportunizando a ambos a expressão da sua vivência. Pelas limitações enfrentadas durante a pesquisa, como por exemplo a coleta de

dados contar com apenas uma entrevista, as autoras sugerem replicação da pesquisa com modificação nos números de entrevistas.

QUADRO 8: Revisão Crítica sobre o Atendimento a Homens Autores de Violência Doméstica.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
	Violência doméstica	Daniel Costa Lima, e Fátima Büchele.	2010	Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres	Este artigo representa uma revisão crítica sobre intervenções com homens autores de violência (HaV) doméstica e familiar contra a mulher, somado a esta revisão, o artigo traz resultados de um estudo de caso com abordagem qualitativa sobre um programa governamental de prevenção e atenção à violência doméstica e familiar do sul do Brasil.	Os resultados obtidos a partir deste estudo mostraram que, apesar de os serviços de atendimento a HaV representarem um desafio adicional para o complexo campo de ação voltado à prevenção, atenção e enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher, eles podem, ao mesmo tempo, constituir novas possibilidades para esse campo, à medida que, aliados às ações já dirigidas às mulheres, podem contribuir para diminuir essa violência e promover a equidade de gênero.

Fonte: Própria (2020).

O presente artigo representa uma análise crítica acerca dos programas de prevenção a violência contra a mulher utilizando do desenvolvimento de homens autores de violência, (HAV). As autoras evidenciam a incapacidade de resolver este problema social agindo apenas com a vítima, e com isto elas demonstram a necessidade de analisar também o agressor a sua

história e experiências. O artigo fala a respeito da escassez de estudos acerca de HAV no Brasil, apesar da necessidade emergente de programas como este no país, visto que a violência contra a mulher é muito comum entre os brasileiros. Com isto comprovou-se que a violência não se enquadra como políticas públicas. (LIMA E BUCHELE APUD TONELI, 2007).

As primeiras experiências com HAV aconteceram entre 1970 e 1980 nos Estados Unidos da América e Canadá a fim de complementar as iniciativas de prevenção à violência contra a mulher, desde então as ideias tem sido reproduzidas e aprimoradas. Hoje tais programas tem se mostrado importantes no enfrentamento da violência. É explicado ainda neste artigo, que as principais causas do fenômeno violência são as experiências vividas durante a fase de desenvolvimento pelas vítimas e agressores.

Das principais críticas a este método estão questionamentos referentes à eficácia deste, como também a respeito destes programas desviarem o foco em recursos direcionados às mulheres vítimas de violência. Ainda em relação às críticas, as pessoas contra aos métodos HAV são a favor da punição carcerária como método efetivo ao problema de violência doméstica.

Em uma pesquisa do IBOPE realizada referente às atitudes cabíveis a homens que cometem violência doméstica Lima e Buchele (Apud Galvão 2006), as respostas obtidas demonstram que “para 64% das mulheres e 65% dos homens, eles deveriam ser presos, resposta bem superior à participação desses homens em cursos ou grupos de apoio para mudar o comportamento agressivo, dada por 33% das mulheres e 25% dos homens”.

A análise do presente artigo se baseou principalmente em um estudo HAV de Santa Catarina, realizado pela Secretaria de Assistência Social do município, o programa fundou-se em 2001 e os atendimentos iniciaram em 2004, o qual contou com dois profissionais de psicologia, três assistentes sociais e um educador social. A pesquisa foi aprovada em 2007, tendo as gravações com duração de sete horas e trinta minutos que posteriormente foram transcritas e lidas, a realização contou com três formatos: atendimento individual, grupo de casal e grupo de homens.

Segundo as autoras “é preciso combater a violência punindo os agressores, mas é preciso, sobretudo, evitar que a violência aconteça.” (LIMA E BUCHELE APUD SPM, 2007, p. 5). Portanto se faz necessário investimento em programas de prevenção, como também direcionar atenção ao agressor afim de entender a origem do comportamento violento e previni-lo. Referente aos resultados obtidos e as dificuldades, ainda que sutis surgiram

resultados positivos, mas em detrimento das dificuldades referente a falta de capacitação dos profissionais neste campo e dificuldade na participação continuada dos homens no programa não foi possível obter os resultados esperados. Tendo isto, apesar de apresentar desafios adicionais na luta contra a violência doméstica, este método pode trazer novas possibilidades aliado a ações já dirigidas a mulheres. D’Oliveira e Schraiber (1999, p. 15):

No campo jurídico todas as pessoas em conflito, sejam homens ou mulheres, serão ou réus ou vítimas [...]. Já nas esferas, por exemplo, da saúde, da assistência social ou outras formas de atuação, a tomada de qualquer sujeito na condição de “vítima” é significá-lo de saída como sujeito de “menor potencialidade” diante das suas possibilidades de vir a ser sujeito plenamente potente [...].

QUADRO 9: Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
Google acadêmico	Violência doméstica	Ricardo da Costa Padovani e Lúcia Calvacati de Albuquerque Williams	2002	Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso ¹	O objetivo deste trabalho consistiu em oferecer um atendimento psicológico de forma a reduzir o comportamento violento do marido à esposa. O cliente tinha o terceiro grau completo, pertencendo à classe média alta. O trabalho foi desenvolvido na sala de Psicologia da Delegacia da Mulher. Foram realizadas 15 sessões durante 6 meses. Os instrumentos de coleta de dados envolveram as técnicas Entrevistas com agressor, Questionário sobre crenças, Escala de autoestima, Inventário de depressão, Escala de tática de conflito. As técnicas consistiram de: tarefa de casa, registro de comportamentos violentos/pensamentos que desencadeavam agressões, técnicas de autocontrole, auto aplicação de <i>time-out</i> , manejo de raiva, análise de pensamentos disfuncionais, treino de assertividade, relaxamento, <i>role-play</i> , leitura/discussão de textos.	Durante o atendimento houve um episódio de agressão à esposa, de proporção menor, se comparado a anteriores. O cliente não apresentou episódios de violência à esposa nos dois meses subsequentes ao término da intervenção.

Fonte: Própria (2020).

O artigo em questão retrata o atendimento psicológico relativo a um homem com histórico de agressão a parceira que se estendia há aproximadamente 23 anos. A análise consistiu em uma intervenção que duraram seis meses, mais especificamente 15 sessões com uma hora de duração cada. O indivíduo em questão foi selecionado em decorrência da participação da esposa em processo terapêutico, que o indicou.

O tratamento foi realizado na sala de Psicologia da Delegacia de Defesa a Mulher (DDM) de São Carlos, com participação dos estagiários de psicologia. A coleta de dados contou com entrevista individual abordando a descrição do incidente de origem a queixa, histórico de violência do paciente, relacionamento com a família, saúde e estado emocional e informações sobre a infância; *b*) Questionário sobre Crenças de Violência Doméstica; Escala de Autoestima; inventário de Depressão de Beck; Escala de Tática de Conflito - CTS-2.

Das técnicas utilizadas estão tarefa de casa, auto registro de comportamentos violentos, registro de pensamentos preditores a violência, auto aplicação de time-out, técnicas de autocontrole, análise de pensamentos disfuncionais, manejo da raiva, controle dos estímulos relativos à violência, técnicas de relaxamento, role-play, leitura sobre o assunto e treino de assertividade.

Como descrito no artigo, uma das características dos agressores é a tendência negação e a minimização do comportamento violento, e no atendimento do indivíduo em questão não foi diferente. Os autores explicam a influência da sociedade na ocorrência da violência, reforçando as ideologias do gênero masculino como sinônimo de força e agressividade, e os resquícios deixados pela cultura patriarcal. Na leitura deste artigo é exposto como pertencente ao perfil do agressor baixa autoestima, depressão e ansiedade. (PADOVANI E WILLIAMS Apud Hamberger & Holtzworth-Munroe, 1999).

Conforme descrito no artigo, devido ao comportamento violento ser fruto de um processo de aprendizagem, torna possível a elaboração de programas de intervenção pretendendo conter o comportamento agressivo. A exploração dos resultados demonstrou que o indivíduo apresentada baixa autoestima e depressão moderada. Na coleta de dados foi evidenciado histórico de violência na infância, onde o agressor expos ter sofrido violência doméstica, como também teve uma educação autoritária e rígida, onde *“aprender era sinônimo de apanhar”*.

Vale ressaltar que o filho do agressor de acordo com o artigo também foi indicado a terapia pela mãe (vitima), pois reproduz os comportamentos violentos do pai. O agressor pontua que das principais dificuldades conjugais está a questão financeira e a comunicação. Dos resultados obtidos, houve melhora significativa, no decorrer das sessões houve mudança na verbalização, passando a ser mais adequadas e assertivas, o indivíduo adotou técnicas aprendidas no tratamento.

QUADRO 10: Violência Conjugal: O Poder Preditivo das Experiências na Família de Origem.

Banco de dados	Critério de inclusão	Autor	Ano	Periódico	Principais dados	Resultados
	Violência domestica	Marcela Madalena, Lucas De Francisco Carvalho e Denise Falcke.	2018	Violência Conjugal: O Poder Preditivo das Experiências na Família de Origem e das Características Patológicas da Personalidade	Este estudo tem como objetivo investigar o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade para a violência conjugal, cometida e sofrida. A amostra foi constituída por 170 casais heterossexuais da região metropolitana de Porto Alegre. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: Inventário Dimensional Clínico da Personalidade (IDCP), <i>Family Background Questionnaire</i> e a <i>Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)</i> . Foi realizada análise de regressão linear múltipla, através do método <i>stepwise</i> .	Os resultados apontaram a Instabilidade de Humor e a impulsividade como preditoras da violência cometida pelas mulheres; o Abuso Físico paterno e a Agressividade como preditores da violência cometida pelos homens; a Desconfiança e o Estilo de Decisão Materno como preditores da violência sofrida pelas mulheres; e o Abuso sexual, a Evitação Social e o Ajustamento Psicológico Paterno como preditores da violência sofrida pelos homens. Apenas características do indivíduo estiveram associadas à violência conjugal, nenhuma característica do parceiro apresentou correlação. Os dados do estudo possuem implicações para futuras pesquisas,

						sugerindo a existência de diferentes modelos explicativos da violência entre os sexos.
--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Própria (2020).

Madalena, Carvalho e Falcke (2018) discutem em sua pesquisa a experiência de violência vivenciada na família e a presença de transtornos de personalidade como fatores risco na ocorrência da violência, seja para o homem quanto para mulheres na condição de vítima ou de agressor. No decorrer do artigo as autoras demonstram a existência de contribuição de ambos os parceiros para perpetração da violência entre o casal, entretanto elas explicam que apesar da participação mutua, a forma de violência exercida pelos homens costuma ser mais danosa. (MADALENA, CARVALHO EFALCKE Apud STRAUS, 2011).

Fazendo parte da discussão do artigo, também está o fato das experiências violentas vividas na infância, seja como vítima ou como telespectador tende a resultar em adultos que irão vivenciar violência sendo vítima ou agressor. Apesar dos estudos apontaram esta característica como fator de risco, as autoras não consideram estas vivencias como determinante na pratica de violência.

Em consideração aos transtornos de personalidade e sua relação com a violência conjugal, as autoras demonstram no artigo como sendo algo frequentemente estudado e associado ao comportamento violento. Foi exposto no artigo que os transtornos são característicos e possuem um padrão rígido em ao menos duas das áreas das descritas a seguir: área do afeto, área cognitiva, controle dos impulsos e relacionamos interpessoais.

Esta pesquisa se trata de um estudo quantitativo alinhado ao viés explicativo, a população amostra foi de 170 casais heterossexuais de Porto Alegre, com idade entre 19 e 81 anos e tempo de duração do relacionamento de 6 meses a 56 anos. Dos instrumentos utilizados estão o Questionário de Dados Sócio demográficos, Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – IDCP, Subescalas do Family Background Questionnaire (FBQ) e Revised Conflict Tactics Scales. A coleta de dados foi realizada na residência dos participantes com acompanhamento da pesquisadora ou bolsista de iniciação científica, com duração entre 60 a 90 minutos. Cabe ressaltar que este estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Variáveis Preditoras da Violência Conjugal: Experiências na família de origem, características pessoais e relacionais”. Dos resultados obtidos se observou que não houveram diferenças significativas nas violências cometidas e sofridas entre homens e mulheres. A

instabilidade de humor e a impulsividade foram preditoras da violência cometida pelas mulheres, enquanto que as variáveis abuso físico paterno e agressividade foram preditoras da violência cometida pelos homens.

De modo geral, a violência conjugal conta com características contribuintes para este fenômeno, dentre elas estão agressividade, impulsividade e instabilidade de humor, e apesar destas características não se configurarem a transtornos de personalidades, elas estão relacionadas a características pertencentes aos transtornos da personalidade Borderline e Antissocial. As autoras fazem então uma possível associação do transtorno de personalidade Borderline com possível influente na prática da violência pelas mulheres, e o transtorno de personalidade antissocial em relação aos homens.

Ao concluir a explicação do processo violento se notou que as mulheres apresentaram mais coerência em relação às características patológicas da personalidade na execução da violência, enquanto que para homens houve maior nexo quanto a influência das experiências na família de origem. Tendo isto leva a entender a necessidade de estudar a violência como um fenômeno heterogêneo.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram exploradas 994 pesquisas publicadas virtualmente, destas apenas 10 foram selecionadas. 9 dos 10 artigos incluídos indicaram a experiência de violência na infância como fator preditor da violência doméstica, 4 artigos incluem o déficit da habilidade de comunicação, como influente nesta prática, 4 referem-se a necessidade de autocontrole na prevenção da violência e 2 indicam explicitamente o treino de assertividade. Cabe ressaltar, que dois dos artigos retratam a falta de recursos especializados nos agressores, a fim de conter a violência doméstica.

Sobrepondo aos objetivos propostos, esta pesquisa apontou que à origem da violência doméstica ocorre, devido à necessidade masculina de poder, às características de personalidade que remetem a transtornos e a insatisfação conjugal.

O objetivo desta pesquisa foi conhecer as principais habilidades sociais potencializadas e fragilizadas em homens agressores no contexto doméstico, com a hipótese de que estas foram assertividade e comunicação. Com base nos dados obtidos, constatou-se que as habilidades sociais deficitárias em homens agressores previstas na hipótese desta pesquisa, coincidem com os resultados alcançados, entretanto, das habilidades sociais potencializadas não foram obtidos resultados pertinentes.

Ao que foi avaliado nas pesquisas acessadas referentes ao estudo de déficit de habilidades sociais de homens agressores em contexto doméstico, se obteve como resultado a influência direta da família de origem do agressor na efetivação da violência, uma vez que todas as experiências e habilidades necessárias para viver em harmonia na sociedade, devam partir inicialmente das experiências em família. Deste modo, conclui-se que um déficit em habilidades sociais decorrente da desestrutura familiar pode resultar em homens agressores.

Grande parte da população social acredita que a punição seja mais eficaz para a resolução do problema de violência doméstica, e que os programas voltados aos homens autores de violência podem desviar o foco das vítimas. Com isto, cabe pensar que apesar de até o presente momento a maioria dos recursos estarem voltados principalmente para as vítimas, ainda não obtivemos respostas satisfatórias referentes à minimização da violência doméstica, apontando a necessidade de atualização dos métodos de prevenção.

O desenvolvimento desta pesquisa oportunizou clarificação acerca do comportamento violento masculino, como também demonstrou a necessidade de atualização dos programas de

prevenção à violência doméstica contra a mulher, principalmente, tendo como base as atualizações da Lei 13.894/20.

Diante dos resultados obtidos, ressalta-se que ainda se faz necessário o desenvolvimento de mais pesquisas considerando o assunto em questão, pois como verificado nos dados coletados, são poucas as pesquisas, programas e estratégias desenvolvidas no universo da saúde, que venham contemplar amplamente a educação e resgate do agressor de violência doméstica, sugerindo-se assim, avanço nas pesquisas com esta temática, especificamente no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.H. **Gênero e Masculinidade:** follow-up de uma intervenção com homens autores de violência conjugal. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia: Universidade de Brasília, 2009.

ALBERTI, R.E; EMMONS, M.L. **Comportamento Assertivo:** Um guia de auto-expressão. Tradução: Jane Maria Correa. Califórnia: Interlivros, 1973.

BECK, J.S. **Terapia Cognitiva:** Teoria e prática. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOCK, A.M.B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M, de L.T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOCK, A.M.B; Et al. **Práticas e Saberes Psi:** os novos desafios a formação do psicólogo. Florianópolis: Abrapso Editora: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015.

BORGES, M.L.X.de A. **O Poder da Empatia:** A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo/Roman Krznaric; tradução Maria Luiza. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BRASIL. Constituição (2006). **Lei Maria da Penha - Lei 11340/06 | Lei nº 11.340, de 7 de ago. de 2006.** Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>. Acesso em: 12/06/2020.

BRASIL. Constituição (2020). **Lei nº 13.984, de 3 de abril de 2020:** Alterações da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13984.htm. Acesso em: 29/10/2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar:** orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Caderno de Atenção Básica, 8).

BROWN; B. **A Coragem de Ser Imperfeito:** Como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é e poder leva-lo a uma vida mais plena. Trad. Joel Macedo. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

BVS. Decs/Mesh: **Descritores em Ciência da Saúde.** 2015. Disponível em: https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=31499&filter=ths_exact_term&q=VIOLENCIA+DO+MeSTICA. Acesso em: 29/09/2020.

CABALLO, V.E. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do comportamento.** São Paulo: Editora Santos, 2007.

COLHADO, J.G. **Conceito de crime no Direito Penal brasileiro**. 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/47517/conceito-de-crime-no-direito-penal-brasileiro#:~:text=%E2%80%9CConsidera%2Dse%20crime%20a%20infra%C3%A7%C3%A3o,ambas%2C%20alternativa%20ou%20cumulativamente.%E2%80%9D>. Acesso em: 29/09/2020.

COLOSSI, P.M; MARASCA, A.R; FALCKE, D. **De Geração em Geração: A Violência Conjugal e as Experiências na Família de Origem**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2016.

COSTA, L.F; BRANDÃO, S.N. **Abordagem clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora: Clinical approach in a communitarian context: an integrating perspective**. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822005000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 29/09/2020.

DICIO. **Dicionário Online de Português: representação**. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/representacao/>. Acesso em: 29/09/2020.

DUTTON, D.G; STRACHAN, C.E. **Motivational Needs for Power and Spouse-Specific Assertiveness in Assaultive and Nonassaultive Men**. Universidade Britânica da Columbia, Vancouver: 1987.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. tradução Marcos Santarrita. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2011. recurso digital.

GUILHARDI, A. **Terapia Comportamental e Cognitivo Comportamental: Práticas clínicas**. São Paulo: Roca, 2004.

HAACK, K.F; PRESSI, J; FALCKE, D. **Predictors of Marital Physical Violence: Personal and Relational Characteristics**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2018.

KIENEM, N. Et al. **Análise do Comportamento : conceitos e aplicações a processos educativos clínicos e organizacionais**. Londrina: UEL, 2018.

LAMOTTE, A.D. Et al. **Social Skills Deficits as a Mediator between PTSD Symptoms and Intimate Partner Aggression in Returning Veterans**. Associação Americana de Psicologia: Boston 2016.

LIMA, D.C; BUCHELE, F. **Revisão crítica sobre o atendimento a 721 homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres**. Programa de Pós Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, Rio Grande do Sul: 2011.

MADALENA, M; CARVALHO, L. de.F; FALCKE, D. **Violência Conjugal: O Poder Preditivo das Experiências na Família de Origem e das Características Patológicas da Personalidade**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2018.

MINAYO, M.C. de S. **Conceitos, Teorias e Tipologias de Violências: a violência faz mal à saúde.** Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2007.

MODENA, M.R. **Conceitos e Formas de Violência.** Caxias do Sul: Educs, 2016.

MONTEIRO, F.S. **O Papel do Psicólogo no Atendimento as Vítimas de Violência Doméstica.** Brasília: Uniceub, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2593/3/20820746.pdf>. Acesso em: 30/05/2020.

MOREIRA, A.M; CECCARELLI, P.R. **Há múltiplas faces na violência por parceiro íntimo:** There are multiple faces in intimate partner violence. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/vilson/faculdade%20kamila%202019/Organizacional/atividades%2002%20de%202020/APAGAR.pdf>. Acesso em: 29/09/2020.

MURTA, S.G. Et al. **Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro.** Bragança Paulista: 2016.

MURTA, S.G. **Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais:** análise de produção nacional. *Psicol. Reflex. Crit.* vol.18. n°2. pp. 283-291. Porto Alegre: Eduardo Remor. 2005.

NOGUEIRA, D.C. **Central de Atendimento a Mulher – Ligue 180:** alcances de desafios de um instrumento de ação pública. Monografia. Gestão de políticas públicas, Universidade de Brasília: 2016.

OLIVEIRA, A. C. F. **Psicologia Geral do Curso Técnico de Nível Médio Subsequente em Segurança do Trabalho na Modalidade a Distância.** 2008. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Professor conteudista do Programa Escola Técnica Aberta do Brasil (e-Tec Brasil)).

OLIVEIRA, N.C. de; BANDEIRA, S; PITANGA, A.V. **O Conceito de Empatia Sob a Perspectiva da Psicologia Contemporânea.** 2018. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/8140/1/O%20conceito%20de%20Empatia%20sob%20a%20perspectiva%20.pdf>. Acesso em: 15/06/2020.

OMS. **Prevenção da Violência Sexual e da Violência pelo Parceiro Íntimo Contra a Mulher:** Ação e produção de evidência. 2010. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf;jsessionid=682EA254BAD3422FAEF63FF199D2EA40?sequence=3. Acesso em: 10/07/2020.

ONU. **Fundo de População da ONU alerta para risco de retrocesso no combate à violência de gênero no mundo.** 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/fundo-de-populacao-da-onu-alerta-para-risco-de-retrocesso-no-combate-a-violencia-de-genero-no-mundo/>. Acesso em: 10/07/2020.

PADOVANI, R. da. C; WILLIAMS, L.C. de. A. **Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira.** São Paulo: 2011.

PADOVANI, R. da. C; WILLIAMS, L.C. de. A. **Intervenção Psicoterapêutica com Agressor Conjugal: Um estudo de caso.** Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: 2002.

PEREIRA, J.A.T.C. **Distorções cognitivas e agressão sexual:** Estudo exploratórios com agressores intra e extra-familiares. Dissertação de mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto: 2007.

PEREIRA, J.A.T.C. **Violência:** Uma análise do “Homo Brutalis”. São Paulo: Alfa-Omega, 1975. (Coleção Atualidade. v. 1).

PEREIRA, J.de.S. **XXVII Simpósio Nacional de História:** Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de RPG no ensino de história. 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045_arquivo_algumasreflexoessoobreconceitodeempatiaeojogoderpgoensinodehistoria.pdf. Acesso em: 15/05/2020.

PERES, J.L.P. **Gestão de carreira:** uma questão de autoconhecimento. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/vilson/faculdade%20kamila%202019/A%20tcc/AUTOCONHECIMENTO/gest-195-o-de-carreira-uma-quest-195-o-de.pdf>. Acesso em: 28/05/2020.

POLOZI, J.C. **O Poder da Inteligência Emocional:** Descubra o poder das pessoas bem-sucedidas. São Paulo: Polozi, 2017.

PRETTE, A.D; PRETTE, Z.A.P.D. **Habilidades sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem:** Questões conceituais, avaliação e intervenção. São Paulo: Alínea, 2003.

PRETTE, A.D; PRETTE, Z.A.P.D. **Habilidades Sociais:** intervenções efetivas em grupo. 1ª ED. São Paulo: Casapsi. 2011.

PRETTE, Z.A.P.D; et al. **Habilidades sociais:** diálogos e intercâmbios sobre pesquisa e prática. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

RANGGÉ, B. **Psicoterapias Cognitivo-comportamentais:** Um diálogo com a psiquiatria. São Paulo: Artmed, 2008.

ROSA, L.W. da; FALCKE, D. **Violência Conjugal:** Compreendendo o fenômeno. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2014.

SAPORI, L.F; SOARES, G.A.D. **Por que Cresce a Violência no Brasil?.** Belo Horizonte: Autentica Editora: Editora Pucminas: 2014.

RIBEIRO, de O.C; SILVA, D.R. **Metodologia e Organização de Projeto de Pesquisa:** Guia prático. Fortaleza: IFCE, 2004.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento:** Infância e adolescência. Tradução: Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SCARPARO, H.B.K; GUARESCHI, M.N.de F. **Psicologia social comunitária profissional:** Community social psychology and professional preparation. 2007. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000500025&script=sci_arttext. Acesso em: 29/09/2020.

SILVA, H.C.da. **Políticas Públicas para o Idoso: Marcos referenciais no trato da violência no município de Florianópolis.** 2007. 197 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina: 2007.

SOARES, B. M. **Enfrentando a violência contra a mulher: Orientações práticas para profissionais e voluntários (as).** Brasília: SPM, 2005. 64p.

TAVARES, L. **Abordagem Cognitivo-Comportamental no Atendimento de Pacientes com História de Depressão e Déficit em Habilidades Sociais.** Relatório de Estágio na Área da Psicologia Clínica. Departamento de Psicologia, Santa Catarina: 2005.

WILSON, R.; BRANCH, R. **Terapia Cognitivo-Comportamental para Leigos.** Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2012.

WINNICOTT, D. W. **Agressão. Em Privação e delinquência.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Original publicado em 1939).